Fon Fon
ANNO XXVII — N.º 29
Rio, 22 de Julho de 1933
PREÇO: 1$000

O CONTO BRASILEIRO

FRATRICIDIO

DE NENÊ MACAGGI

UMA alegria orgulhosa a embalava, uma grande felicidade lhe entumescia o peito, ao contemplar, com os olhos radiantes de paixão, aquelle bêbê perfeito, todo leite e ouro, adormecido no bercinho de imbuia escura...

Aquelle anjo querido, em quem, durante sete annos, puzéra toda a esperança... aquella criança por quem agora vivia, por quem respirava, por quem abandonára a tristeza acabrunhadora que a dominára até então...

E, debruçada sôbre o bercinho, olhava-o, contemplava-o amorosamente, sentindo que naquelles olhos azues se apagára um pouco do passado tormentoso do desgosto profundo que lhe trouxéra a "outra"... E lagrimas copiosas de tristeza lhe escorreram dos olhos e cahiram sôbre o rostinho do menino, que, acordando, sorriu e lhe estendeu os bracinhos gorduchos, pedindo-lhe caricias. Ella tomou-o ao collo, beijou-o e se poz a passear pelo quarto, ninando-o, cantando-lhe uma ária qualquer.

Quando o viu adormecido, collocou-o com cuidado no bercinho e sahiu, pé ante pé, para dar ordens. Lá em baixo reinava grande alvorôço e um cheiro forte de assados chegava até o 1.º andar, excitando o appetite...

Falou com a copeira e a cozinheira, deu ordens ao jardineiro e subiu ao quarto de "toilette" onde a esperava a manicura.

Tratou-a affavelmente, deu-lhe optima gorgeta e, sem saber porque, sentiu uma grande alegria invadil-a, subita como o sol, quando rompe as nuvens e jorra sôbre a terra sua luz bemfazeja.

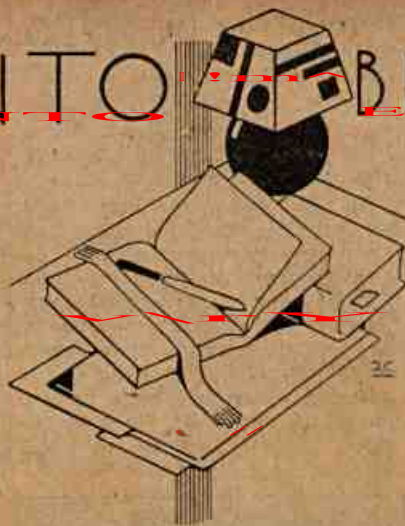
— Que terá a patrôa, que está tão alegre? Que seja pra bôa coisa!

E a patrôa, saudosa, voltou mais uma vez para junto do bercinho...

O nenê continuava dormindo.

Então ella, cansada de andar e de falar toda a manhã, deitou-se ao comprido num divan, cruzou as pernas, acamou as almofadas e, cerrando os olhos, voltou ao passado, sentindo que agia mal em abandonar tanto a "outra", que já de si era tão desgraçada!

A pobrezinha não tinha culpa de ser assim!

Tão linda que era quando nasceu! Moreninha, olhos e cabellos negros e duas covinhas na face! Rechonchudinha que dava gosto! E que espertinha! Sempre rindo!

> *A literatura de Nenê Macaggi, que assigna esta impressionante pagina, é forte como a vida. Escriptora de observação percuciente e de estylo vigoroso, gosta de pintar, em quadros dolorosos, os motivos trágicos que o mundo offerece á sua esquisita sensibilidade de mulher. Dahi os themas sangrentos de todos os seus contos, que fixam os dramas amargos, os desesperos e as angústias dos destinos humildes. Agua Parada, que será o primeiro livro de Nenê Macaggi, e ao qual pertence a pagina Fratricidio, cedida inédita a* FON-FON *pela sua autora, revelará uma nova cultora do genero que celebrizou Andreiev e outros grandes nomes da novella contemporanea. Agua Parada já se acha no prelo, devendo apparecer dentro de alguns dias.*

Coitadinha! Logo depois de dois mezes teve meningite! Como penára! Dias inteiros a gemer e a mover a cabecinha dum lado para outro, ardendo em febre! Em pouco tempo aquella belleza murchára, desapparecêra!

Depois sarou. Mas para que? Era preferivel que tivesse morrido, a ficar assim idiota!

Nem mammar sabia! Si ella lhe punha o bico do seio na boquinha livida, não o sabia sugar e era preciso expremer o leite numa colherinha e pôl-o na garganta do monstrozinho, para que elle não morresse de inanição.

E foi crescendo lentamente...

Quando fez um anno, idade em que todas as crianças distinguem perfeitamente os paes, jamais daquelle rostinho inexpressivo brotou um sorriso á vez carinhosa ou á aproximação destes.

Aos sete annos parecia ter quatro! Que physico, santo Deus! Até fazia mal á gente!

Pequena, o rosto mirrado, os olhos encovados com a pelle a lhe cobrir parte delles, as orelhas tortas, o tronco deformado, os membros curtos, as mãos enormes, de dedos grandes, corcunda, a cabeça muito desenvolvida, prenhe de liquido cephalo-rachidiano.

A pelle sêcca, enrugada, cheia de varizes, arroxeada e sempre fria... parecia uma velha!

Das gengivas violaceas, empastadas de saliva grossa, lhe brotavam os dentes amarellos, desiguaes, uns enormes, outros demasiadamente pequenos.

Não se interessava por nada! Não comprehendia coisa alguma!

Só aos trez annos conseguiu andar, assim mesmo muito mal. Antes, se arrastava pela casa toda, quebrando as coisas, emporcalhando-se, machucando-se.

Depois, maiorzinha, poude andar bem.

Mas a idiotia tornava-se cada vez mais repugnante!

A custo comia. E ficava com o alimento na bocca, horas, numa especie de ruminação, como si fôsse um dromedario. E mordia a lingua e feria os labios tumefactos...

Apesar da melhor bôa vontade paterna, não aprendeu a ler nem escrever e olhava, como si não ouvisse, para a bôcca do professor, que acabou desistindo de semelhante alumna.

E, assim, a sua evolução intellectual fez estagio com a evolução physica.

Frequentemente emittia especies de grunhidos inarticulados, muito fortes. E ás vezes, nos dias lindos de sol, quando no fundo do quintal brincava com lama ou agua suja, cantava um pouco, mas a sua musica era esquisita, sem expressão, sem vida. Cantava, só. Porque não sabia falar.

Apenas fazia assim: *aha! aha!*

Sempre viveu suja, immunda! Roupa que se lhe puzesse no corpo dalli a pouco era roupa emporcalhada, suja de saliva.

E que loucura sentia ella pela lama! Quando tinha cinco annos, ainda brincava no jardim, com a areia de prata, com os casquinhos de caramujos coloridos. Mas, com o alastrar da idiotia, tudo deixou por um pouco de lama! E como a chacara era muito vasta, si alguem quizesse encontrál-a, bastava chegar perto do chiqueiro, que lá, na certa, a encontraria, pés e mãos afundados na lama suja...

(*Continúa na pag. seguinte*)

Parecia um urso e parecia um porco!

Sempre arredia, fugindo das pessôas! Si lhe faziam uma caricia, não havia nos seus gestos um clarão de comprehensão, de agradecimento pelo affago.

E todos, insensivelmente, fugiam della, que passou a viver como um vegetal e um animal irracional, a quem se dava alimento forçado trez vezes ao dia.

A sciencia foi impotente para curál-a e tambem para explicar o desejo louco que a idiota sentia em poder matar...

Moscas, besouros, lesmas, caracóes, tudo ella, com aquellas mãos

FRATRICIDIO

(Continuação)

enormes, esmagava lentamente e depois, mais lentamente ainda, ficava a olhar para suas victimas...

De uma feita, tentando subir um escada de mão para matar uma lesma que deslisava no alto do muro, conseguiu chegar em cima e, quando ia pegál-a, ouviu um forte barulho na rua; movendo a cabeça, divisou uma mulher, com o rosto afogueado, enterrar uma, duas, trez vezes a lamina de um punhal no ventre de um homem: torva, immovel, olhava, attonita, subjugada, maravilhada... e então uma enorme golfada de sangue jorrar... E quando, com olhos brilhantes, se ergueu um pouco para olhar melhor, perdeu o equilibrio e cahiu, como uma flexa, sôbre a ponta da grade do canteiro cheio de papoulas vermelhas.

O ferimento, profundo, lhe produzira tambem uma golfada de sangue. Mirou-se, olhou as papoulas encarnadas e deu uns passos, sentindo, naquelle cerebro obtuso, apparecer, como um relampago numa noite escura, o desejo do sangue...

Foram encontrál-a de braços estendidos, cahida de bruços, numa poça de sangue, sobre um monte de papoulas rubras...

Delirou doze dias, gemendo sempre, enterrando as unhas na madeira da cama, nas roupas, nas proprias carnes... e se erguia para ver o sangue brotar das feridas... e desmaiava...

Depois, sarada, abandonou as victimas pequenas e atirou-se ás grandes. E os gatos e as gallinhas foram sacrificadas ás suas mãos que chafurdavam bestialmente nas visceras ensanguentadas dos pobres animaes...

Aggressiva, perigosa mesmo, era necessario quanto antes interná-la num hospicio, pois tinha dado com o ancinho na cabeça do jardineiro, prostrando-o por terra...

Ouvindo um chôro, a senhora, triste por ter de rememorar factos tão dolorosos, abriu os olhos e bruscamente se ergueu do divan, correndo em direcção ao berço do filhinho. Este, vendo-a, chorou mais forte, a lhe recordar que tinha fome. Immediatamente sentiu em sua boquinha um seio tumido, apojado de leite, emquanto dois braços perfumados o enlaçavam de encontro ao peito morno.

Refeito, o bêbê apoiou a cabecinha sôbre o seio materno e adormeceu, deixando, no canto da bocca, uma gottinha de leite que, tremula, purissima, escorregou para perto do coração da mãe...

Esta, acamada a criança, dirigiu-se á porta, mas inconscientemente se voltou... Precipite lhe batia o coração, parecendo-lhe ser essa a ultima vez que via o filho...

Na copa, veiu ao seu encontro a cozinheira, trazendo pela mão um negrinho com o braço a escorrer sangue.

— Que aconteceu, Maria?

— Foi "ella", minha senhora. Apanhou-me o menino desprevenido e, com uma faca que não sei onde arranjou, feriu-o no braço, matando-o, si eu não chegasse a tempo! E' uma loucura, minha senhora, conservar-se esta doente aqui! Com essa mania de sangue

ella acaba matando alguem. Hontem, só a senhora vendo! Quando o Jeronymo veiu para matar os perús e o leitãozinho, levamos os animaes para perto do chiqueiro; e quando o Jeronymo metteu a faca no porquinho, a sua menina, que nós não tinhamos percebido ainda, saltou como um raio e afundou as mãos no sangue quente... Foi um custo para tirál-a dalli! Isto, de manhã cêdo. E ha pouco, quando puz o porquinho no forno, para assál-o, vi, pela janella, o rosto da idiota a espiar o que eu estava fazendo. Toquei-a e, quando ella fugiu, deixou cahir do vestido as quatro patinhas decepadas do animal. Não sei, minha senhora, mas tenho mêdo. E presinto uma desgraça! Ella é doente, não sabe o que faz! Desde que viu aquella mulher esfaquear o homem, é que lhe veiu essa loucura por sangue! Deus permitta que eu me engane, porém ella acaba assassinando alguem!

— Tolice, Maria! Em todo o caso, quando Jayme regressar do Paraná, vou combinar com elle um logar onde se possa collocar com conforto essa irresponsavel!

Mas as palavras da preta lhe ficaram no cerebro e um grande remorso começou a lhe roer a consciencia.

Como tivéra coragem de abandonar sua filha, desprezando-a ás mãos das empregadas, que a maltratavam, sem ir vêl-a nunca?

Era sua filha! Portanto, fôra infame e má, muito má, abandonando-a.

E uma ternura immensa invadiu-lhe a vontade e fêl-a dirigir-se ao fundo da chácara, onde encontraria a pobre idiota.

Lá estava ella, no canto, quieta, suja de lama e baba!

Aproximou-se-lhe, carinhosa. Ergueu-a ao collo, porém ella a olhou tão inexpressivamente, que, sentindo brotarem-lhe as lagrimas, deixou-a no chão e deitou a correr, soluçando, para o seu quarto. Alli jogou-se á cama e deu largas á sua dôr. Chorou, chorou, amaldiçoando seus avós... pois não fôra a heredo-syphilis a causa de tamanha deformação na sua filha?

Esgottado o pranto, procurou consôlo fitando o seu bebêzinho, que brincava, calmo, com o caracachá.

Depois mudou o vestido, penteou-se, aformoseou-se e desceu para receber os convidados que iam chegando para a festa em commemoração ao primeiro natalicio do seu anjinho...

. . . .

Emquanto isso, num canto do pateo, o jardineiro, perversamente, fazia a idiota beber cachaça.

(*Continúa na pag. seguinte*)

O ESPELHO DE

(LENDA JAPONEZA)

Há muito tempo, viviam dois jovens esposos em logar muito afastado e rustico. Tinham uma filha e ambos a amavam de todo coração.

Não diremos os nomes do marido e da mulher, que já cahiram no esquecimento, mas diremos que o logar se chamava Mutsuyama, na provincia de Echigo.

Aconteceu, quando a menina era ainda muito pequena, que o pae se viu obrigado a ir á cidade capital do imperio.

Como era tão longe, nem a mãe nem a filha podiam acompanhal-o. Elle foi só, despedindo-se dellas e promettendo trazer-lhe, no regresso, os mais bellos presentes.

A mãe nunca havia ido além da aldeia proxima, e assim não podia deixar de sentir certo temor ao considerar que seu marido emprehendia tão longa viagem, mas, ao mesmo tempo, sentia orgulhosa satisfação que por toda aquella região fosse elle o primeiro homem que ia á rica cidade onde o rei e os magnátas habitavam, e onde havia de ver tantos primores e maravilhas.

Emfim, quando soube a mulher que seu marido voltava, vestiu a menina de gala, o melhor que pôde, e ella propria vestiu um precioso traje azul, que sabia agradar tanto ao companheiro.

Não se póde descrever o contentamento dessa bôa mulher quando viu o marido chegar em casa são e salvo. A pequena pulava e sorria com deleite ao ver os brinquedos que seu pae lhe trouxe. E elle não se fartava de contar as cousas extraordinarias que tinha visto durante a peregrinação e na propria capital.

— Trago-te — disse á mulher — um objecto de grande valor: chama-se espelho. Olha-o e dize-me o que vês dentro.

Deu-lhe, então, uma caixinha chata, de modeira branca, onde, quando abriu, ella encontrou um disco de metal. Por um lado era branco como prata, com adornos de realce de pássaros e flôres e, pelo outro, brilhante como crystal. Ali olhou a joven esposa com prazer e assombro, porque da profundeza viu que a olhava, com labios entreabertos e olhos animados, um rosto alegre, que sorria.

— Que vês? — perguntou o marido, encantado do pasmo della, e muito ufano de mostrar que aprendêra algo durante sua ausencia.

— Vejo uma linda moça que me olha e move os labios como si fallasse, e que veste, coisa estranha! um vestido azul exactamente igual ao meu.

— Bôba! E' teu proprio rosto que vês — replicou-lhe o marido, muito satisfeito de saber alguma cousa que sua mulher não sabia. — Esse disco de metal se chama espelho. Na cidade, cada pessôa tem um. E nós, aqui no campo, ainda não o conheciamos.

Encantada com o presente, a mulher passou alguns dias mirando-se a cada momento, porque, como já disse, era a primeira vez que via um espelho, e, por conseguinte, a imagem de seu lindo rosto.

Achou, comtudo, que tal joia havia de ser muito cara para ser usada na diaria, e guardou-a em sua caixinha, escondendo-a com cuidado entre seus mais estimados thesouros.

Decorreram annos, e marido e

FRATRICIDIO

(Continuação)

E ella, embriagada, excitada, esboçava um sorriso triste, como si comprehendesse o gesto criminoso...

. . . .

Espalharam-se os convidados pela casa toda, uns a ouvir musica, outros a apreciar a famosa collecção de coleópteros do dr. Jayme de Aguiar.

O almoço decorreu alegre e o champagne deslisou, saboroso, espumante, das verdes taças transparentes para as boccas rubras dos convidados...

Fez-se musica. E, enlevada pela arte das cantoras e pianistas, a dona da casa olvidou o nênêzinho dentro do berço.

Mas a ama estaria cuidando delle, com certeza!

Depois de uma partida de poker, a senhora pediu licença para ir providenciar sôbre a distribuição das taças de sorvete e para ver o filho.

Mal, porém, tinha dado uns passos, um berro sobrehumano se fez ouvir, repercutindo em toda a casa, gelando-a de pavor.

Um silencio de morte reinou durante uns segundos e, sem saber onde estava, foi empurrada pelos outros até a cozinha, onde a cozinheira, livida, a tremer, os olhos a deixarem escorrer grossas lagrimas encardidas, segurava a porta do forno e arquejava, balbuciando:

— Olhem este quadro e vejam si, depois disto, é lá possivel a gente viver!

E puxou, num gesto trágico, a folha do forno.

MATSUYAMA

mulher viviam ainda muito felizes.

O feitiço de sua vida era a filha, que ia crescendo e era o vivo retrato de sua mãe, e tão carinhosa e bôa, que todos gostavam della.

Pensando a mãe em sua propria fugace vaidade ao ver-se tão bonita, conservou escondido o espelho, receiando que seu uso pudesse transformar a filha. Como não falava nunca do espelho, o pae o esqueceu de tudo.

Desse modo se criou a joven tão simples e candida como fôra sua mãe, ignorando sua propria formosura, que o espelho podia reflectir.

Mas chegou um dia em que sobreveiu tremendo infortunio para essa familia até então ditosa. A excellente e amorosa mãe cahiu doente, e, embora a filha a tratasse com terno affecto e solicito desvelo, foi peorando cada vez mais, até ser desenganada.

Quando ella, sem mais esperança, viu que breve abandonaria seu marido e sua filha, entristeceu profundamente, affligindo-se pelos que ficavam na terra, e, sobretudo, pela moça.

Chamou-a, então, e lhe disse:

— Minha querida filha, vês que estou muito doente e breve vou morrer e deixar sozinhos teu pae e tu. Quando eu desapparecer, promette-me que te mirarás no espelho todos os dias, ao levantar-te e ao deitar-te. Nelle me verás, e saberás que estou sempre velando por ti.

Falando assim, mostrou-lhe o logar onde estava occulto o espelho. A joven prometteu com lagrimas o que sua mãe lhe pedia, e esta, tranquilla e resignada, expirou pouco a pouco.

Dahi por deante a bôa e virtuosa moça jamais esqueceu o preceito materno, e cada manhã e cada tarde ella retirava o espelho do logar onde o mesmo estava occulto e se mirava nelle demorada e intensamente. Ali via o rosto de sua mãe desapparecida, sorridente e bello. Não estava pallida e enferma como em seus ultimos dias, mas formosa e joven. A ella confiava de noite seus desgostos e penas do dia, e nella, ao despertar, procurava alento e carinho para cumprir com seus deveres.

Dessa maneira viveu a joven, como que vigiada por sua mãe, procurando satisfazêl-a em tudo, como quando vivia, e tendo sempre o cuidado de não fazer coisa alguma que pudesse affligil-a ou aborrecêl-a. Seu mais puro contentamento era olhar o espelho e poder dizer:

— Mãe, hoje fui como queres que eu seja!

Afinal, o pae notou que a filha se mirava sem falta ao espelho todas as manhãs e todas as noites, parecendo conversar com o crystal. Perguntou-lhe, então, a causa de tão estranha conducta.

A joven respondeu-lhe:

— Pae, eu olho todos os dias o espelho para ver minha querida mãe e falar com ella.

Contou-lhe, ainda, o desejo de sua mãe moribunda, e que ella nunca diexaria de cumprir.

Enternecido por tanta simplicidade e amorosa obediencia, derramou elle lagrimas de piedade e de affecto, e nunca teve coração para descobrir a sua filha que a imagem que ella via no espelho era o reflexo de sua propria doce figura, que o poderoso e branco laço do amôr filial tornava cada vez mais semelhante á de sua fallecida mãe.

J. VALERA

Semi-assado sôbre a bandeja, jazia um corpo mutilado de criança, as visceras escurecidas á mostra, nú, de um rosa avermelhado...

A mãe poude apenas abrir os braços, numa convulsão, rodopiou lugubremente e cahiu, hirta, virada no lagedo...

E a preta continuou, numa voz repassada de dôr:

— Bem eu tinha presentimento disso!

"Foi a louca! Emquanto nós comiamos na copa, ella pegou a criança e fez nella o que mais ou menos o Jeronymo fez no porco! Pobre anjinho, tão quieto, tão louro! Nem chorou! Decerto pensou que fôsse a ama que o estivesse pegando!"

E agora, quem tem coragem de tirar este coitadinho daqui? E onde andará o "resto" delle!"

.. ..

Estarrecidos sem coragem quasi os convidados percorreram a casa, á procura da idiota.

Não a acharam. E de todos os corações brotaram suspiros de dôr, de todos os olhos escorreram lagrimas piedosas...

Dirigiram-se, então, para o fundo do quintal.

Alli, perto do chiqueiro, sob os ultimos raios do sol, foram encontrar a idiota, nojenta, espessa baba a escorrer-lhe pelo vestido sujo e coberto de sangue, sentada na lama, o olhar parado, perdido, as mãos grossas e grandes a brincarem, inconscientes, com dois pésinhos e duas pequeninas mãos decepadas...

Qual o paiz onde melhor se ama ?

GABY MORLEY, antes de nos confiar o seu segredo sobre o delicado assumpto, quiz ouvir a opinião de algumas personalidades mais em voga e nos induziu a fazer com ella uma peregrinação de indagações sentimentaes.

Abril, maio e junho. Os mezes encantadores da primavera á beira do Sena.

Os campos cobrem-se de selva fresca e as flôres mostram suas côres maravilhosas.

Nasce o amôr nos corações jovens.

E' a estação dos idyllios e os namorados sonham com *Cythera*.

A ilha encantada, porém, está longe e mais perto existem outros recantos discretos, e não menos deslumbrantes, onde se possam abrigar os enlevos da paixão. Mas onde será? Qual a moldura que melhor poderia convir ao desabrochar de um grande amôr? Muitos noivos, e outros, que o não são, procuram com soffreguidão o recanto ideal.

"Um conselho por favor! Falemos dos paizes onde melhor se poderá elevar o canto cheio de esperança dos corações apaixonados!"

Fez-se esta pergunta aos touristes impenitentes; aos exploradores das regiões ignoradas do globo terrestre e aos prescrutadores da alma humana.

"Qual paiz aconselhaes aos namorados? E por quê?"

Lucie Delarue Mardrus, a suave poetiza, com sua arte prestigiosa, humanamente ironica e sensivel, acha que no amôr o que ha de mais importante é o mundo interior.

"Os verdadeiros namorados não precisam de uma cidade ou de um paiz especial para se amarem. O amôr é um mundo completo. Esta é, a meu ver, o mais lindo recanto, aquelle que se

compraz a si proprio. Os namorados realmente capazes de amar carregam com elles mesmos a mais deslumbrante paizagem."

Marcelle Einayre, outra romancista eximia, grande inquisidora da alma humana que tudo gosta de ver e comprehender, deu-nos tambem o seu conselho. (Diga-se, antes do mais, que é rarissimo encontral-a em casa. Ella viaja muito. Tem a ansia insaciavel dos climas exóticos, sejam elles geographicos ou... sentimentaes).

"Paris" diz ella "é o ninho ideal almejado pelos amantes. Paris, mais do que cidade, é um paiz, um mundo á parte onde tudo se encontra, até mesmo a solidão. Por isto, nossa capital é a verdadeira patria dos namorados!"

"Aliás" continúa a errante creatura, "é a única onde os que se amam, podem beijar-se na rua sem escandalizar ninguem."

Louis Roubaud, o grande reporter que percorreu o mundo com olhos attentos e o coração cheio de emoção, fala dos povos com a humildade enternecida dos grandes artistas. E' autoridade absoluta para nos dar uma informação interessante. Chegava justamente da estação do caminho de ferro. Estava cançado, enervado!

"Por piedade diga-me qual é, a seu ver, o melhor paiz para os namorados?"

— Debronick — respondeu, sem hesitar.

— Debronick?

— "Sim. Ragusa, si prefere. Debronick é o seu nome moderno! Estive lá ha trez mezes. Em Cannes e em Nice, cahia neve, mas em Debronick colhiam-se laranjas em todos os pomares. Lembra-se que fica á beira do Adriatico? E' um paiz ideal. O mais lindo que ha no mundo. O paiz de sonho para os namorados.

Luis Charles Boyer, finalmente, prefere a França — qualquer ponto da França: Hyeres; Port Cros, o Var, a Bretanha ou a Normandia...

Por quê? porque a brisa lá é mais doce e os pássaros mais ageis. O décor é encantador e a solidão é absoluta, total.

Mas os namorados não pedem conselhos: elles vão onde é mais perto, isto é, onde se chega mais rapido. E têm razão: O mais lindo recanto do mundo é onde pela primeira vez nos encontramos, nos vimos, e onde nos amamos.

"Sim, acabou dizendo Gaby Morley "mas é preciso que isto seja debaixo da constellação do Cruzeiro, sob o luar claro do astro da noite, na cidade mais linda que jamais eu vi... no Rio de Janeiro".

IRAMAR

Saibam todos...

CLAUDIA (S. Paulo) — V. ex. é amavel, o que não admira numa paulista illustre, como v. ex. E' amavel, pelos elogios que me concede — mesmo sabendo que os não mereço, e amavel por que se interessa por um pobre homem de letras, sem valor, — como eu — accentuando a sympathia que...

Permitta ficar nas reticencias...

Quanto á sua visita, é claro que a receberei com encanto. Basta avisar-me pelo telephone da minha repartição 2-9706, de 11 ás 5 horas da tarde, ou pelo da redacção, 2-4136, depois de 5 horas.

Eu havia decidido só publicar livros em prosa. Mas varios amigos me aconselharam a não abandonar o verso. De modo que, esta é a razão porque, dentro de dois ou tres mezes, darei o meu novo poema "Azul e rosa", livro este onde pouco me afastei das linhas e da estructura d'"O Suave enlevo". No "Azul e rosa" virá o meu lever de rideau "O abatjour e a mariposa", que aqui já foi representado por distinctas alumnas de Maria Sabina e o notavel declamador Bento Martins, em S. Paulo e em Montevidéo.

No "Azul e rosa" não ha futurismos. Ha, porém, uma coisa que muito vale para mim: — uma arte má, defeituosa, é certo, mas minha, só minha, em nada parecida com a dos outros.

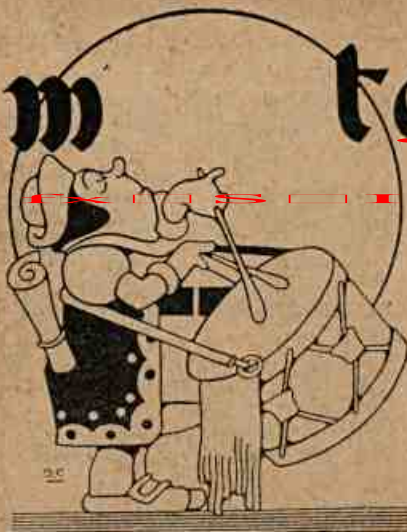
Esperemos agora a voz da critica sincera e desapaixonada.

ARLINDO NOVAES (Bahia) — Upa! Mas um poeta? Deus do céo! E eu que pensei estar livre delles, por este resto de anno! Não haverá por ahi quem me acuda? Não haverá uma alma bôa, que me safe das unhas do sr. Novaes? Sr. Novaes me ameaça com a remeça de outros!

Aqui d'el-rei!

Mas... vejamos a carta do poeta (?) bahiano:

"Illmo. Snr. Yves: Os meus saudares. Admirador que sou da arte que consagrou Camões e imitando este, imploro ás musas a inspiração para cantar as endeixas do meu torturado coração. E para expandir as minhas máguas sirvo-me somente dos versos porque nêles extravaso o fél das minhas desditas.

E como leitor assiduo da sua illustrada revista o "Fon-Fon", ninho augusto dos desamparados, venho por meio desta pedir a sua grande protecção, para as composições que ora junto, as quaes, uma de estylo futurista e a outra no molde antigo e cujos titulos são os seguintes: *No mar* e *No baile*.

Caso lhe agrade os meus trabalhos enviarei outros futuramente. Aguardando a sua resposta pelo "Saibam Todos...", aqui fica o seu admirador".

Uff! O homem imita Camões, faz versos de estylo futurista e nos moldes antigos...

Que horror, santo Deus!

A poesia de "molde antigo", que o poeta (?) Novaes assigna é a seguinte:

NO BAILE

Perdia-se ainda ao longe a clara
[melodia
A onda de harmonia, exausta, a
[desmaiar.
E o pensamento fito apenas então
[vivia
A luz que o extasia, a luz do teu
[olhar.

Ressoava junto a ti como um quei-
[xume vago
De perenal afago anciosa, a sus-
[pirar.
E qual a luz do luar illuminando
[um lago
Tinhia um encanto mago a luz do
teu olhar.

De casta fronte ao ver a angelical
[moldura
Visão que sempre dura a segredar
[esperança
Afastam-se de vez os cantos de
[amargura
A essa luz tão pura em teu olhar,
[creança:

Desponta agora além da luz da
[madrugada.
Recâe a orvalhada a dar á rosa
[vida,
E ao ver esse arrebol eu cuido mi-
[nha amada,
Estar ainda vendo o teu olhar que-
[rida!

E dessa noite cri' enquanto a me-
[lodia
E as ondas de harmonia eccoavam
[pelo ar,
O pensamento fito apenas então
[via
A luz que o extasia a luz do teu
[olhar!

Estou daqui a ver o desdem com que a sua amada, ao ler aquelle "perenal aflago", retrucará ao senhor:

— Livra, Novaes! Vae "aflagar" o boi!

RUY COELHO NEVES (Capital) — Outro poeta? Mas, emfim, aonde irei eu parar?

Os "poetas" e as "poetisas" estragaram a minha secção. Fizeram della uma simples "cesta" de moxinifadas horriveis, á guisa de poesia.

E' verdade que as leitoras bonitas se divertem... Mas banaliza o "Saibam Todos..." que deixa de ser um grande theatro de variedades... literarias... para ser o Circo Oceano, onde se desenrolam tremendas lutas de box ou de jiú-jitsú...

O diabo é que eu sou forçado a esgrimir os muques de Primo Carnera ou a tactica jiu-jitsiana de Omori.

Por agora, temos o poeta Ruy que não pode ser confundido com o grande Ruy, uma vez que este nunca escreveu versos, e versos maus como o sr. Ruy Neves...

Mas que nos dirá esse poeta Ruy?

Leiamos a sua missiva:

"Caro senhor Yves. Saudações cordiaes. Tendo conhecimento do sincero acolhimento que porporciona aos vosses amiguinhos e "inhas", resolvi por meio desta pedir-vos uma opinião a respeito do modesto soneto que a acompanha, rogando que o corrija e mandais publical-o no proximo Fon-Fon.

Não é por curiosidade nem pretendendo tomar o vosso precioso tempo que vos fiz este pedido mas somente para verificar si tendo aptidões poeticas.

Agradeço sinceramente e, se m'o permittis, um amiguinho. — *Ruy Coelho Neves*".

Agora, vem o indefectivel soneto:

(*Continúa na pag. seguinte*)

Eu penso tanto em ti, que não es-
[pero
poder de ti agora me esquecer.
O teu olhar encantador e sincero
é que illumina todo o meu viver.

E te amo, bem vês, com exagero.
O meu amôr!... eu deverei dizer:
E's tu a unica mulher que eu quero
Eu sou dos homens, o que mais te
úquer.

Mas eu fico a hesitar... infelis-
[mente
penso que não me amas nesta vida
e a receber um não, jamais me
[atrevo".

Meu caro, Ruy! Si o sr. fôr esperar affeição da sua joven pelos sentidos versos que lhe escreve, póde ficar certo de que jamais será amado...

Salvo si ella não fôr intelligente...

AÇUCENA (?) — Primairamente quero dar a sua carta na integra — afim de que aprehenda bem a resposta.

"Yves. Sei que não te recordas desta letra, porém te affirmo que já te escrevi ha anos atras (sob um pseudonimo que hoje já não tolero) e que obtive resposta embora não muito satisfatoria também não me desagradou o modo como me trataste, pois não me meteste em critica. Talvez tivasses conhecido que eu era muito joven e tombem *pensado* que era bonita...

Hoje já não poderás ter esta condescendencia pois já decorreram muitos anos... e eu mesma não ouso te pedir coisa alguma.

Venho te oferecer uma fotografia que tirei ha poucos dias com umas amiguinhas para mostrar que não é tão má como pensas a morada das solteironas, pois acho-me bem satisfeita nela. Penso que os solteiros (teus companheiros)

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

embora sem o desprazer de se meterem em ridiculo são quem sente muito mais; pelo menos, a falta de quem vele por si...

Somente agora vou ao motivo principal que me levou a te escrever hoje: Quero te dizer que não sou da tua opinião quanto aos meios de se esquecer um amôr! Para isto basta somente o nosso amôr proprio.

Se quizeres dizer quantos anos julga que eu tenho, não me zangarei como tambem o que achou na minha cara...

Com muita simpatia da — Açucena".

Muito bem. Agora, a resposta que devo a v. ex.

1º — Peço-lhe ás desculpas si, ha annos, quando me escreveu, não lhe respondi a contento. Não o fiz porque a julgasse joven, nem bonita... Fil-o naturalmente, porque sou graphologo. E, como tal, não vejo coisas côr de rosa na sua graphia... V. ex. é voluntariosa, dura de coração, teimosa, fria para o amor... Que quer? E' a grafologia que o diz...

> Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.
>
> ENDEREÇO
> Rua Republica do Perú, 62
> Caixa Postal 97
> Telephones: 2-4136 e 2-9706
> FON-FON — 22-7-933
>
> Data da consulta ....
> Nome da consulente ....
> ....

2º — Para attenuar a rudeza de taes verdades, confesso que a acho bonita, muito bonita... Aliás, as suas amiguinhas tambem não o são menos. A que está de pé é adoravel. A morena, que olha para o chão — idem. A do centro é extremamente sympathica. A outra, do rostinho esguio, está num plano escuro da foto. Não a posso julgar.

3º — A idéa de tirar a photographia numa barrica não é má... Lembra Diogenes, e mostra que a felicidade não depende de uma mulher — com quem não se poderia morar em tão exiguo e modesto "bungalow"... Tambem faz pensar no tonnel das Danaides — aquelle que não tinha fundo, a agua entrava por um lado e sahia pelo outro. E' como o coração feminino: não ha amor que o encha...

4º — Diz v. ex. que não está de accordo commigo, quando mostro remedio para se esquecer um amor... Declara: "Para isto basta somente o nosso amor proprio"... Até ahi morreu o Neves, filho do conselheiro Accacio... Mas, não esqueça, madame, (madame ou senhorita?) não esqueça que muitas vezes, é o nosso amor proprio ferido que nos leva a commetter ridiculos de toda sorte...

Exemplo: o homem que corre, chorando, atraz de uma mulher que o despreza, tanto é grotesco levando na mão um lenço para enxugar as lagrimas como um revolver, para eliminal-a.

Eu prefiro ficar sentado numa poltrona, junto ao telephone, á espera de que ella volte...

O mais é bobagem...

5º — Pede que diga a sua idade. Faço-lhe a vontade: — 16 annos e meio... E faço votos para que permaneça nelles, durante muitos lustros... — Amen.

Yves

UM "FLIRT" DE BORDO

QUANDO Heloisa, debruçada á varanda do transatlantico, se afastava de Buenos-Aires, uma intima tristeza parecia envolver-lhe o espirito sensivel, facil á recordação e á nostalgia.

Naquella noite estival, a brisa fresca do mar acariciava-lhe o rosto e produzia-lhe um agradavel bem-estar, tão necessario a seus nervos. Porque, desde muitas horas antes, sua existencia era uma successão interminavel de emoções que haviam culminado na partida, tão cheia de pequenas inquietudes tumultuosas. Os parentes, as amigas, emfim todos os que ella julgava no dever de cumprimental-a no começo de sua viagem a haviam machucado em seus abraços e em seus beijos. Eram instantes nervosos, atropelados, que a deixaram exhausta, desejosa de procurar repouso na solidão do tombadilho.

Dali contemplava em silencio o panorama da cidade, que pela primeira vez abandonou. As luzes do porto, como um longo collar, faiscavam na noite, e, mais longe, as luzes da cidade, que deixavam adivinhar a altura dos arranha-céos perdidos nas sombras.

De repente, junto della, notou a presença de um passageiro, que tambem parecia extasiado na contemplação do quadro. Já havia observado sua figura em meio do tumulto da partida, e, sem querer, seus olhos se encontraram num olhar cordial. Nesse momento, Heloisa notou que, emquanto todos se despediam affectuosamente, aquelle rapaz loiro, de olhos azúes, assistia a essas manifestações de amizade como um espectador. Era evidente que não tinha de quem se despedir e que sua viagem era o regresso á patria, depois de haver tentado triumphar na conquista de quem sabe que grandes ambições. Que situação differente a sua! Ella realizava uma viagem de recreio, com seus paes, e não levava outro propósito além de passear pelos paizes faceis á excursão e ao conforto.

Muitas vezes pensára Heloisa nessa viagem, e sabia, por suas amigas, que a vida de bordo, na longa travessia transatlantica, se amenizava quasi sempre com um *flirt*, que tinha o encanto de florescer e morrer no mesmo navio.

Por que pensou que esse rapaz, vinculado a ella pela mesma emoção daquelle momento, podia ser o camarada preferido na viagem que juntos iniciavam?

Analyzára-o em poucos instantes. Elle era loiro, e sua physionomia era franca e varonil. Alto, bem parecido, sua figura era a de um homem elegante, que attrahia sem esforço.

* * *

DOIS dias depois, quebrado o gelo da indifferença que domina a bordo nas primeiras horas de viagem, Heloisa e Edmundo eram amigos.

Elle começára confessando-se, e Heloisa verificou que não se enganára. Edmundo regressava á sua patria, após alguns annos de ausencia. Separára-se de seus paes quando era apenas um adolescente, e, dando uma trégua a seu trabalho, realizava a viagem para visitál-os.

Heloisa, por sua vez, com seu typo moreno, de olhos negros e expressivos, que se cravavam ao olhar encontrou em Edmundo o companheiro agradavel e culto, que lhe abreviou a viagem. O *flirt* florescêra desde o começo e já não era um segredo para ninguem que entre ambos existia uma affinidade espiritual muito proxima do amôr. Eram vistos juntos no tom-

DE BRANCA MORENO

badillo, na sala de baile, na bibliotheca, nos recintos de jogo.

E quando se approximou o fim da viagem, um e outro sentiram uma inexplicavel tristeza.

Realizava-se a bordo uma festa de despedida, e nessa noite Heloisa e Edmundo não tiveram nada a dizer um ao outro, dominados que estavam ambos pela mesma emoção.

Já em seu camarote, ella começou a fixar com a imaginação todo o caminho percorrido desde o principio da viagem, que lhe parecia agora extraordinariamente breve. E foi assim evocando as scenas do começo, o primeiro olhar, as phrases iniciaes de suas conversações sem sentido, o estremecimento que ella experimentou quando elle arriscou uma excursão pelo thema sentimental e desenvolveu uma theoria um tanto avançada sobre o amôr.

Ella tambem — reconhecia-o agora — se mostrára inteira deante delle, confiando-lhe suas illusões, seus sonhos e suas tristezas. Comprehendia que a unia a elle um vinculo muito superior e mais forte que a amizade, e teve pela primeira vez alguma inquietude sobre as consequencias desse *flirt*. Morreria tambem no mar, como aquelles outros que tantas vezes lhe haviam contado suas amigas?...

* * *

O vapor chegava a Lisbôa, e, afastados um pouco dos grupos que se entregavam á contemplação da paizagem, Heloisa e Edmundo falavam, em voz baixa:

— Você é capaz de manter sua palavra quando a empenhou? — perguntou elle, proseguindo o fio de uma conversação.

— Naturalmente — respondeu Heloisa, segura de si mesma.

— Bem... — continuou Edmundo. — Si, ao cabo de dois annos, você não estiver noiva, eu lhe collocarei no dedo este annel, que é o que mais quero, pois se trata de uma recordação de minha mãe...

— E si eu chegasse a ficar noiva, qual seria a prenda que devia pagar?...

Edmundo guardou silencio, porque deve ter sentido uma profunda angustia. Ella pareceu não notál-o, e accrescentou:

— Si eu perder, este annel será seu.

E indicou um de platina com uma perola e um brilhante, que lhe adornava a mão pallida e fina.

Despediram-se sem falar. Bem sabiam os dois que o silencio é, ás vezes, mais eloquente que as palavras. Possivelmente, a emoção não lhes permittiria falar. Bastou-lhes olhar-se profundamente, com esse olhar que delata a paixão, por mais que quizessem dissimulál-a.

E, ao estreitar-se a mão, a recordação da aposta assignalou com um sorriso o momento do último adeus.

* * *

HELOISA completou seu itinerario de viajante através de diversos paizes, e saturou seu espirito de arte, de historia e de belleza. Cada nova emoção que lhe agitava as fibras de joven sonhadora a levava a considerar como uma chineza irrealizavel aquelle idyllio. Mas sempre, quando assim pensava, o annel de platina era como uma obsessão destinada a exaltar o nome do ausente. Onde estaria Edmundo? — interrogou a si mesma innumeras vezes. Ter-lhe-ia succedido o mesmo? Reintegrado no

(Continúa na pag. seguinte)

meio onde vira formar-se sua juventude, chegaria elle tambem a apagar o encanto daquella viagem inolvidavel? A's vezes o imaginava triste e preoccupado; outras, confiando a seus paes a causa de sua tristeza.

E assim, muitas vezes, se sentiu acompanhada pelo intimo prazer da evocação que a levava a sonhar.

Quando, com os seus, deu por terminada a sua excursão, e já parecia cada vez mais longinquo o romance de bordo, quiz seu destino que lhe tocasse realizar a viagem de regresso no mesmo vapor. Voltou a florescer, com maior intensidade, a imagem do ausente, e quando pôz, novamente, o pé na escada do navio, sentiu uma estranha inquietude. Estaria elle a bordo? Nada soubéra desde que se haviam separado em Lisbôa um anno antes e, calculando a duração de sua excursão com algumas referencias que elle lhe déra, admittiu a possibilidade de seu regresso.

Mas bem depressa se dissiparam suas suspeitas. Soube assim, por algum empregado de bordo, muda testemunha do idyllio, que Edmundo já havia regressado no mesmo vapor, alguns mezes antes, e que conservava para ella a mais terna das recordações.

Pensou, então, que nelle não morrêra ainda a suggestão daquelle *flirt* que ella considerava já esfumado no tempo, e sua viagem de regresso, foi mais longa e monótona que aquella outra que lhe agradava reviver como uma das paginas mais felizes de sua existencia de *jeune fille*.

* * *

DOIS annos depois, tornaram a encontrar-se. Edmundo recordou-lhe a palavra empenhada e a aposta que ambos haviam feito.

Um e outro olharam-se as mãos.

— Vê você — disse ella. — Não estou noiva...

A expressão de Edmundo illuminou-se, e como si cedesse a um imperativo de sua vontade, tirou de seu dedo o annel e quiz entregál-o a Heloisa.

— Você bem sabe, Heloisa — poude dizer Edmundo — qual foi o verdadeiro significado da aposta... Durante estes dois ultimos annos, você foi minha unica esperança...

— Não, Edmundo — respondeu, com firmeza, Heloisa. — Não posso acceitar o annel e muito menos como o resultado de uma aposta... Basta-me a satisfação de tél-a ganho...

Quiz cortar com violencia e conseguiu plenamente seu proposito. Edmundo ficou em pé, deante della, pállido, immovel.

Despediram-se com um aperto de mão, certos ambos de que o sonho não renasceria.

No dia seguinte, Heloisa recebeu em sua casa uma bella cesta de flôres. Mas não sentiu a menor emoção.

— Tinham razão minhas amigas — pensou, desolada. — Os *flirts* de bordo florescem e morrem no proprio mar...

E, desde então, Edmundo foi em sua vida uma recordação cada vez mais longinqua.

— O senhor pede-me a mão de minha filha? Sabe coser, lavar e cozinhar?

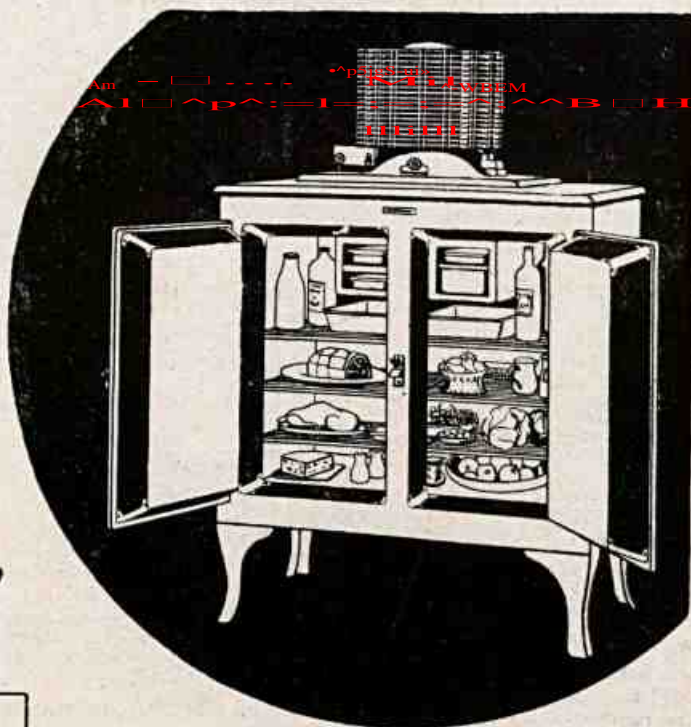
— Por que o senhor me pergunta isso?

— Porque minha filha não sabe...

Destes, 1 lhe convem!

MODELO S-100

A REFRIGERAÇÃO é indispensavel, mesmo no inverno, á conservação dos alimentos. A General Electric offerece-lhe tres refrigeradores excepcionaes, simples, elegantes, duradouros, silenciosos, consagrados pela preferencia universal. Em cada tres lares onde ha um refrigerador, um delles é G. E., apesar das centenas de marcas que existem. E' que os Refrigeradores G. E., resultado de 15 annos de experiencias, trazem uma garantia de 4 annos, garantia unica, offerecida pela General Electric.

Examine estes modelos G. E. Um delles vem ao encontro do seu desejo de economia e de conforto.

MODELO S-67

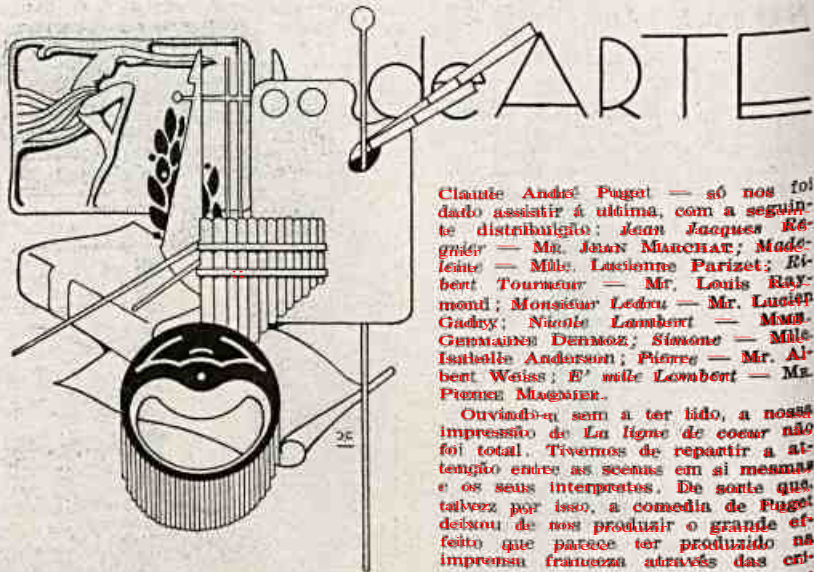
Os alimentos para serem conservados livres da acção das bactérias, exigem temperatura inferior a dez graus centigrados, e as oscillações da temperatura, subindo ás vezes acima desse limite, mesmo no inverno, impedem a boa conservação dos alimentos. Dahi a necessidade da refrigeração electrica.

MODELO S-44

A temperatura no inverno é uma illusão. As suas oscillações não protegem devidamente os alimentos. Defendendo-os, o Refrigerador G. E. defende a sua saúde.

Refrigeradores

GENERAL ELECTRIC

Notas de ARTE

QUARTETTO GUARNERI — Encerrou o cyclo dos seus recitaes, no Theatro Municipal, o Quartetto Guarneri, tocando na tarde de venerdia, 6a-f., 7 de julho: *Quartetto em lá maior*, op. 18, n. 5 de Beethoven; *Adagio Serioso*, op. 16, de Taneieff; *Scherzo do Quartetto* op. 109, de Max Reger; *Andantino*, op. 10, de Debussy; *Scherzo do Quartetto em fá maior*, de Ravel; *Quartetto em dó menor*, op. 51, n.º 1, de Brahms; e ainda mais dois outros extras.

Nem por ser diminuta a concurrencia, foram menos notaveis os grandes interpretes. Revelaram mais uma vez as suas qualidades de perfeição technica e de força communicativa. Distinguiram-se não só o 1o violino e o violoncellista, mas tiveram tambem especial destaque o violista e o 2º violino, que tanto cantaram no *Adagio* de Taneieff e no *Andantino* de Debussy. Do *Quartetto* de Brahms, assignalamos principalmente o 2º e o 3º tempo, o *Romance* e o *Poco Adagio*, e, do de Beethoven, o *Andante cantabile*.

E' de lamentar-se a carencia de auditorio, a qual deve ser mais attribuida á falta de gosto do que á crise financeira, porquanto outros generos de espectaculo, que não têm o mesmo valor artistico, ou que não têm valor nenhum como manifestação de arte, estão cheios de assistentes. Em todo o caso não é de admirar assim aconteça numa época em que domina a cultura do ponta-pé e do murro, quando se glorifica sob pretexto de educação physica, o heróismo nefasto do *foot-ball* e do *box*...

Para consolo dos verdadeiros amantes da arte, registremos que, pequeno embora, o auditorio soube comprehender e applaudir com enthusiasmo os quatro notaveis artistas.

ORCHESTRA PHILARMONICA — No T. M., em a noite de martedia, 3ª-f., 11 de julho, realizou a Orchestra Philarmonica, sob a regencia do m.º Burle Marx, o 5º concerto de assignatura da actual temporada, executando este programma, com o concurso do notavel pianista hespanhol, Prof. Tomás Teran: Max Trapp — *Divertimento*, op. 27 (para orchestra de camera, 1ª audição); Beethoven — *Concerto*, op. 58 *em sol maior* (para piano e orchestra); Paul Graener — *Symphonia Breve*, op. 96 (1ª audição); R. Strauss — *D. Juan* (poema symphonico).

As peças ouvidas em 1ª audição — o *Divertimento*, de Trapp, e a *Symphonia Breve*, de Graener, se não produziram grande sensação, agradaram bastante, principalmente o *Andantino* e o *Larghetto* da primeira e o *Adagio* da segunda. Mas o que mais e melhor impressionou de todo o concerto foi o *Concerto* de Beethoven. Não só a regencia de Burle Marx, mas sobretudo o piano de Tomás Teran, provocaram enthusiasticas manifestações do publico. O notavel pianista hespanhol executou com maestria digna de nota todo o *Concerto* do mestre de Bonn. Soube communicar ao auditorio todas as bellezas lyricas do *Andante com moto*, e os esplendores dynamicos do *Rondó vivace*. Com palmas e chamados reiterados o auditorio pediu-lhe extra, que o artista afinal concedeu, executando *invitaciou* de Albeniz (?).

Embora maior do que o do 4o, o auditorio do 5o concerto, foi menor em relação ao que participara dos concertos do anno passado. Parece que a abundancia actual de saráos musicaes explica essa diminuição relativa. Entretanto foi dos melhores o 5º concerto da Philarmonica, sobretudo pela reapparição do notavel pianista, que é Tomás Teran.

COMPANHIA DRAMATICA FRANCEZA — GERMAINE DERMOZ. — Das peças que a C. D. F. G. D. tem representado no Theatro Municipal, da estréa até hoje 17 de julho, foram: — *Domino*, de Marcel Achard, *Toi que j'ai tant aimée*, de Henri Jeanson, *5 á 7*, de Mme. Andrée Mary, *L'Acheteuse*, de Steve Passeur, *Ma cousine de Varsovie*, de Louis Verneuil e *La ligne de coeur*, de Claude André Puget — só nos foi dado assistir á ultima, com a seguinte distribuição: *Jean Jacques Regnier* — Mr. Jean Marchat; *Madeleine* — Mlle. Lucienne Parizet; *Ribert Tourneur* — Mr. Louis Raymond; *Monsieur Ledru* — Mr. Lucien Gadry; *Nicole Lambert* — Mme. Germaine Dermoz; *Simone* — Mlle. Isabelle Anderson; *Pierre* — Mr. Albert Weiss; *E' mile Lambert* — Mr. Pierre Magnier.

Ouvindo-a, sem a ter lido, a nossa impressão de *La ligne de coeur* não foi total. Tivemos de repartir a attenção entre as scenas em si mesmas e os seus interpretes. De sorte que, talvez por isso, a comedia de Puget deixou de nos produzir o grande effeito que parece ter produzido na imprensa franceza através das criticas de Antoine, Paul Reboux e Maurice Rostand. Achamol-a uma traço de especial valor. O que não quer dizer se não passem momentos peça como ha muitas, sem nenhum agradaveis a ella assistindo, principalmente quando a representam artistas como os da C. D. F. G. D.

Jacques Regnier, um viajante imaginario, porque não viaja e só faz viajar os outros, acolhe por acaso nos seus aposentos de um 5º andar, a Nicole Lambert, senhora casada, de costumes faceis, quando ia esta para o 3º a um baile á fantasia, e um desarranjo no ascensor, seguido de queda da passageira, a obriga a acceitar a acolhida. Do casual encontro resultou um romance de amor. E Re-

(Conclue na pag. seguinte)

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

gnier e Mme. Lambert se tornam amigos e vão juntos fazer subjectivas viagens...

Desenvolve-se a vulgarissima intriga atravès de situações e episodios que fazem rir e ás vezes... pensar. Mas o que torna a peça realmente valiosa é a interpretação dada pela Companhia Franceza, especialmente por Jean Marchat. A impeccavel dicção do joven artista não permittiu se lhe perdesse uma só palavra. Ademais viveu o papel com perfeição extrema. Se ao seu lado não figurassem os nomes consagrados de Germaine Dermoz e Pierre Magnier, se poderia dizer que só para vêr e ouvir Jean Marchat valeria a pena assistir á comedia de Puget.

LEONIDAS ANTUORI — Precedido de elogiosas referencias da imprensa européa e já applaudido no Brasil, apresentou-se ao publico do Municipal, em a noite de 13 de julho o violinista brasileiro Leonidas Antuori, executando este programma: I) F. M. Veracini — *Sonata em mi-menor*; II) Bach-Kreisler — *Grave*; Beethoven-Joachim — *Romance em sol-maior*; Mozart-Kreisler — *Rondó*; III) C. Scott — *Aria e Dansa Negra*; Debussy-Hartman — *La fille aux cheveux de lin*; Villa-Lobos — *Canto do Cysne Negro*; J. Nin — *En el jardin de Lindaraja* (dialogo para violino e piano); IV) Paganini — *Mosé* (variações sobre a 4ª corda).

Leonidas Antuori justificou plenamente a fama de que veiu precedido. Afóra a certa deselegancia de algumas attitudes, é um violinista notavel, não só pelo saber technico do instrumento, mas ainda pela sensibilidade communicativa com que o toca. Se na *Sonata* de Veracini e no *Mosé* de Paganini mostrou aquelle saber em toda a plenitude, no *Romance* de Beethoven-Joachim, no *Rondó* de Mozart-Kreisler, revelou integral as bellezas canoras do seu violino e o poder communicativo da sua sensibilidade. Patenteou ainda novos primores interpretando o *Canto do Cysne Negro*, de Villa Lobos, onde parece ouvir-se o violino cantar o imaginario canto, e o piano reproduzir o marulhar das águas em que nada o cysne...

Muito ovacionado, o recitalista tocou ainda dois extras — *Rondó* e *Serenata Hespanhola*, ambas, se não nos enganamos, composições adaptadas ao violino por Kreisler.

Collaborador do concertista, muito contribuindo para o exito do concerto, mencionemos o pianista Brutus Pedreiras, que fez os acompanhamentos.

Oscar d'Alva

— Cavalheiro, o senhor poderia ter a bondade de dar-me um phosphoro?...

Saude...
Mulheres...
Riquezas!

ELLE QUERIA TUDO ISSO,
MAS SO' OBTEVE
QUANDO PASSOU A RIR
DA HONRA E DA
VIRTUDE!

RKO Radio Pictures

BROADWAY PROGRAMMA

John Barrymore
TOPAZE

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 29

Rio de Janeiro, 22 de Julho de 1933

Director: SERGIO SILVA

YO-YO...

— Você...

— Eu, o que?

— Nada...

— Nada? Vamos... Fale... Alguma coisa você ia dizer... Sou toda ouvidos...

— E' que acho ridiculo...

— Eu, ridicula?! Então, é assim?! Agora é que se lembrou de achar-me...

— Mas, pelo amor de Deus, porque não me deixou concluir?...

— Concluir? Bandido! Mal educado! Chamar ridicula a uma mulher, assim, sem mais nem menos!... Não me casei para isso, fique sabendo, e já se foi o tempo em que aguentavamos caladas os desaforos e atrevimentos de vocês, os homens, maridos ou não, e que são todos uns brutos!

— Minha filhinha, veja o que está fazendo... Não dê escandalo atôamente. Você disparatou sem razão, sem sequer saber o que eu ia dizer-lhe. Que nervos, os seus, queridinha!

— Naturalmente já quer insinuar que sou hysterica, tambem, não é? Já não basta ser ridicula... Que marido que fui arranjar! Mas você engana-se commigo, sabe? Engana-se porque não faltam homens que não me achem ridicula!

— Você assim já me está offendendo e irritando...

— Pois que se damne!

— Tome cuidado! Tenha juizo!

— Juizo? Já me falta juizo, tambem? Maluca, hysterica, ridicula!... Muito bem! Não falta mais nada, senão eu lhe dizer, ouviu?, que você é que é um grandissimo imbecil! Um homem que precisa ser enganado para saber dar valor á mulher que tem!... E, sabe que mais, vou ensinál-o agora mesmo! Adeus! Adeus e damne-se!

— Como? Que vae fazer? Para onde vae?

— Não é de sua conta!

— Está bem... Então, vá, m-s não volte mais, ouviu?

— Por que?

— Porque, quando voltar, encontrará outra no seu logar...

— Hein? Eu sabia, eu bem estava adivinhando tudo isso! Você já tem outra... Ama outra mulher e por isso é que está a descobrir defeitos em mim todos os dias! Eu sou a mulher mais desgraçada deste mundo, meu Deus!

— Meu amor, minha queridinha, não seja louquinha! Não tenho nenhuma outra mulher e só a você amo, adoro, sincera e profundamente. Venha cá... Deixe-me beijar esses olhitos adorados perlados de lagrimas. Como se pode ser creança, assim, minha filha! Então você não sente e não comprehende quanto a amo?

— Mas você estava dizendo que eu era ridicula...

— Maldito yo-yo! Não, queridinha: o que eu ia dizer é que achava ridiculo certas pessoas que já são mais velhas que novas exhibirem-se em publico a jogar yo-yo, como Mme. X, o Freitas e outros... Você, não. Pelo contrario, acho que fica muito bem em você o yo-yo... Sobretudo quando você o joga só para o seu maridinho apreciar...

— Um yo-yosinho domestico, *un petit jeu á deux*, não é, queridinho?

— Sim, meu amor... Um yo-yosinho intimo, recatado, familiar...

— E você me acha bonitinha, mesmo, quando eu o jogo?

— Do outro mundo!

— E eu faço bem certos lances difficeis, não faço?

— Se faz!... Este, agora...

— Não, este, não... Agora, reconheço que fui maluca, que disparatei sem razão...

— Querida! Como você está linda, assim, com esta carinha de chôro e de riso!...

— Uma partidasinha, agora?...

— De que?

— Ora, de que? De yo-yo!

— Vá... Está certo...

— Antes, porem, diga, repita que me ama, muito, muito, e só a mim.

— Amo muito, muito, minha mulherzinha cabecinha de vento e só a ella.

— Diga isso beijando-me como você sabe beijar, querido...

— Assim?...

— Sim, assim... Vamos quebrar o yo-yo?

— Para que, se elle nos está fazendo tanto bem agora, amor?

— Sim... Como é bom!

— Que?

— O yo-yo...

ELCIAS LOPES

O illustre sábio brasileiro prof. Cardoso Fontes, que, acompanhado de seu filho dr. Murillo Fontes, foi inaugurar, em Victoria, a «Semana da Tuberculose», recebeu, durante sua curta estadia na capital capichaba, varias homenagens, sobresahindo, entre as mesmas, a que lhe prestou a classe médica local, offerecendo-lhe, em expressiva solennidade publica, um bronze symbolizando a victoria. Neste grupo, tomado por occasião da cerimonia, apparecem, além do prof. Cardoso Fontes, o tenente Wulmar Carneiro da Cunha, secretario do interior do Espirito Santo, e os drs. Christiano Fraga, Cyro Vieira da Cunha, Adolpho Staenke, Darcy Bastos, R. Ramalho, Ottarino Avancini, Carlos Campos, Delio Dessaune, Edgard Neves, C. Côrtes e Murillo Fontes.

O Club de Regatas Guanabára festejou com um elegante baile, offerecido aos seus associados, o 24.º anniversario de sua fundação, que passou no ultimo sabbado. Focaliza o nosso «cliché» um grupo feminino que animou galantemente essa festa.

Ensemble de voyage. Manteau de drap vert. Robe en marrocain même ton. Coiffure et gants en pécari.

(Photo especial para FON-FON).

CANÇÃO DE SOMBRAS E DE LUZ...

A nevoa espessa e sombria da tristeza, como um reflexo da nevoa mesma que se espalha no espaço, neste momento, enche minha alma de angústia e de inquietação.

Por que não esplende o sol na festa das suas manhãs illuminadas e azues, dissipando assim o feio tempo que vae lá fóra?... Lá fóra e, tambem, dentro de mim...

Mas, em vão, clamo, insatisfeito, á espera do sol, que não reponta festivo, e de você, que não vem illuminar com o deslumbramento da sua irradiante mocidade de primavera em transição para o outomno o mundo de melancolia e de saudade que se agita dentro de mim...

* * *

O sol... O sol veiu, emfim, dissipar a tristeza e o tédio do tempo.

E doira o dorso verde das montanhas que se esfumam ao longe. E espalha scintillações de prata sobre as aguas inquietas da bahia. E, dentro da festa de luz que jorra do sol, a manhã azul faz a primeira ronda de alegria deste dia de inverno...

* * *

Mas o sol não foi bastante para afugentar a minha saudade, a minha melancolia... O máu tempo continúa a ennevoar o meu mundo interior.

E só porque você não veiu com o sol, a trazer-me a caricia quente de seus olhitos negros e inquietos como o casal de pardaes vagabundos que, ali perto, estão a brincar de amôr num "tutoiement" de pipios canalhas que só elles comprehendem.

* * *

Emfim... Emfim você veiu! luz do meu coração, doce e suave sol da minha vida!

Que bom! E como você é bôa, meu pedacinho de "petit diable", cheio de feitiço e de fascinação!

Tudo em mim é festa. E' exaltação de amôr e de volupia. Ha uma algazarra de creanças a dançarem no tablado do meu coração cheio de você, contente de viver e de vibrar, a ciranda-cirandinha da marcha nupcial do nosso amôr.

E, como o poeta, "je ris à tous les cieux, je ris a tous les êtres".

Bemdita seja você, hoje e sempre, suave luz do meu coração, sol esplendente da minha vida!

MAX LINDER

As obras sobre a Revolução multiplicam-se com as sympathias ou os desagrados que o movimento victorioso de 1930 inspirou á mentalidade brasileira dos nossos dias. São já innumeras as que enriquecem a nossa bibliographia, e todas, ou quasi todas, mais ou menos interesantes, pelas revelações que encerram no dominio da politica nacional. «Revolução» é o titulo de um novo livro desse genero imprevisto, que fascina a curiosidade nacional, semeando leitores por todos os recantos do paiz. Seu autor: o dr. Romeu Martins, jornalista, advogado e antigo magistrado no Ceará, onde militou na imprensa e na politica, exercendo os mais altos postos e triumphando pela intelligencia e pela inteireza moral. Trata-se de um depoimento da historia revolucionaria na terra cearense. Depoimento sereno, «sempre justo e forte», sem accusações, sem mágoas, sem despeito. O dr. Romeu Martins, que é um escriptor brilhante, de estylo correntio, escreveu uma obra que poderá ser classificada entre as melhores da literatura revolucionaria.

Neves Manta é uma dessas personalidades que se distinguem, em nosso meio, por dois aspectos muito interessantes: é medico-alienista e escriptor vigoroso. E como um e outro estão em perfeito equilibrio, é bem de vêr que se póde exaltar o homem de sciencia sem diminuir o homem de letras que elle é, e dos mais brilhantes. Literariamente, a sua bagagem é das que se pesam pelo valor qualitativo. Muito ao contrario do que acontece com grande parte de autores cujas obras são apenas numerosas. Na verdade, os seus livros, quasi todos em segunda edição, como «Borba sangue» e «A arte e a neurose de João do Rio», são obras que hão de ficar, porque trazem a marca viva de uma individualidade curiosa. Como psychiatra, Neves Manta tem já publicados varios trabalhos sobre a sua especialidade. Podemos, entre outros, citar «Psychanalyse da alma collectiva», que mereceu, dos seus collegas, applausos e louvores que não se concedem facilmente. Dahi, sem duvida, o motivo por que o illustre psychiatra brasileiro acaba de ser eleito membro honorario da Sociedade Argentina de Neurologia e Psychiatria. Si o dr. Neves Manta ainda não tivesse merecido distincções equivalentes, por outras entidades scientificas, bastava a honra de ter ingressado no seio daquella douta aggremiação, para se considerar consagrado. Agora mesmo, o distincto psychiatra vem de dar publicidade a uma sua magnifica traducção da notavel obra do prof. Honorio Delgado — «A vida e a Obra de Freud», e que elle prefacia brilhantemente.

A grande data de 14 de julho foi brilhantemente festejada pela colonia franceza domiciliada nesta capital, que promoveu, na noite da penultima sexta-feira, um sumptuoso baile, nos salões do Botafogo F. C.

O embaixador Albert Kammerer deu, na manhã de 14 de julho, uma recepção para commemorar a data nacional da França, comparecendo á séde da embaixada franceza, afim de levar cumprimentos ao representante diplomatico daquelle paiz junto ao governo brasileiro, além de compatriotas de s. ex. e membros da colonia syrio-libaneza desta capital, varias outras pessôas gradas, como diplomatas, figuras do governo, etc.

FILIGRANAS

O pae de Balzac disse um dia ao grande romancista:

— A mulher age como a pulga, com pulos e saltos a êsmo! Foge-nos pela altura ou profundidade de suas primeiras idéas e como, depois, não ha meio de comprehendêl-a mais, restam somente duas soluções: ou esmagál-a ou deixar-se devorar por ella...

Não sei se o pae de Balzac tinha razão; o que sei é que um de meus amigos diverge dessa comparação, achando que a mulher parece mais com o percevejo pela manha com que nos vem morder e com o carrapato pelo modo por que se nos agarra...

O ministro das Relações Exteriores foi homenageado, na legação do Equador, com um almoço que lhe offereceu, quarta-feira penultima, o ministro Roballino Davila. O «cliché» focaliza um grupo das pessôas que tomaram parte no ágape, vendo-se ao centro o dr. Afranio de Mello Franco e o ministro do Equador.

feira de vaidades

CONSELHOS PARA O SEU ALBUM

Evite comparações entre estranhos e o seu amor. Desde o momento em que começa a existir o interesse de comparar, o amor vae diminuindo até acabar em puro acto de reflexão.

* * *

O amor presume cegueira. Não reconhece imperfeição. Somente quem não ama verdadeiramente admitte superioridade de alguem sobre o objecto do seu amor.

* * *

Sendo o amor uma embriaguez, ninguém nesse estado pode discutir as razões do melhor e do peor. Para os ebrios do amor, só ha uma realidade: a da inconsciencia.

* * *

Quanto mais profundo, o amor mais inconsciente. Os amantes, que chegaram ao amor pelo caminho da admiração, amam imperfeitamente. O legitimo caminho do amor é o amor mesmo...

* * *

Os amantes perfeitos não sabem nunca porque chegaram a amar. Sabem, apenas, que amam e que o seu amor não tem igual no mundo.

* * *

Toda a intelligencia, com que se trata o amor deve ser empregada só no sentido de louvál-o, e de glorificá-lo. Noutro qualquer sentido, a gente está na imminencia de perdêl-o.

LUCIANO

MANHÃ DE SOL, NO FLUMINENSE

Um pedacinho de terra atheniense, como um espelho multi-facetado de jogos olympicos: o Fluminense.

A cidade toda não conhece esse refugio. Nem o sorriso das suas elegancias. Nem as suas manhãs de sol, rutilantes como um escrinio de graças humanas.

Toda gente sabe, apenas, que o Fluminense dá lindas festas sociaes e celebra, no seu stadium, as mais ardorosas refregas sportivas.

A cidade tem noticia do gymnasio do Fluminense, e da sua piscina, e do seu luxuoso palacio da rua Alvaro Chaves. Mas não sabe

— que o Fluminense é uma pagina grega de harmonia e seducção;

— que, no scenario da mais sportiva das sociedades cariocas, se assiste a um maravilhoso desfile de elegancias, como se fôsse uma ronda de creaturas olympicas.

* * *

No ultimo domingo, a manhã do Fluminense foi memoravel. As graciosas avenidas do seu parque encheram-se de figuras lindas. E nos courts de tennis, ageis jogadores, em animados torneios ao sol, praticavam o elegante sport, compondo quadros de irresistivel graça e movimento.

BANQUETE NA EMBAIXADA DA ITALIA

O palacio da embaixada italiana, nas Larangeiras, reuniu, sabbado ultimo, num banquete, alguns amigos do senhor embaixador e da senhora Cantalupo. O illustre casal representa o que a sua gloriosa patria tem de mais fino e aprimorado na sua *élite* social. Por isso mesmo, as reuniões presididas pelo eminente embaixador e pela illustre dama são verdadeiros acontecimentos de bom gosto e de intelligencia. Esse banquete de sabbado foi motivo para que a senhora Cantalupo mais uma vez evidenciasse os primores de sua sensibilidade e a graça infinita do seu espirito, ao lado do homem de letras finissimo, que é o seu marido, tão completo diplomata quanto admiravel escriptor.

NA "PELOUSE" DO JOCKEY CLUB

Um intervallo nas corridas. A animação do ultimo pareo trouxe á *pelouse* numerosos elegantes das archibancadas. Para um commentario. Para um cumprimento. Para discutir as razões da victoria.

O dia nublado e triste abria um sorriso gracioso, como uma clareira, no conjuncto architectonico do Jockey. E as damas de *lorgnon*, muito graves, pareciam desafiar o atrevimento sportivo dos binoculos, conduzidos a tiracollo por homens muito amaveis...

* * *

A estação do *turf* era o assumpto de todos os grupos. Nunca se teve um movimento assim. Agosto e setembro vão marcar, com pedra branca, o acontecimento das mais bellas corridas do Rio.

— Já te habilitaste para o *sweepstake*?

— Minha *chance* desaggrava o amor, querida.

— Feliz num e noutro?

— Num e noutro, feliz...

No grupo onde se dialogou assim, os olhos repousaram, como numa rosa de seis petalas: seis lindas senhoras do mais puro *charme* brasileiro.

* * *

Aqui e acolá, as rodas da aristocracia carioca. Poetisas, escriptoras, artistas. Grandes damas. Raparigas encantadôras. O espelho das bellezas da cidade: A embaixatriz Nobre de Mello; sra. Bueno do Prado; embaixatriz Raul Fernandes; sra. Adhemar de Faria; sra. Herbert Moses; sra. Rubens de Mello; sra. Carlos da Veiga Lima; sra. Diniz Junior; sra. Henrique Dodsworth; sra. Flavio da Silveira; sra. Rodrigo Octavio Filho; as poetisas Henriqueta Lisbôa, Diva Jabor e Ida Uchôa; senhora Francisco Bahia; sra. Homero Galvão; senhoritas Astyr e Najla Jabor; sra. Christovão Camargo; a escriptora Maria Neves de Castro; sra. Paulo Cesta Azevedo; sra. Alfredo Maia, etc. etc.

SALA DE ESPERA

QUEM não se lembra, no Rio, com saudade, das antigas salas de espera dos cinemas? Quando o Odeon era na Avenida, onde hoje se ergue o arranhacéo dos Guinles, a sua sala de espera dava gosto. A sessão das 9 da noite attrahia gente uma hora antes. A's 8, começavam a chegar as moças bonitas da cidade. Havia um violino, que tocava umas musicas muito romanticas. E havia umas pequenas mais romanticas ainda...

O nova-yorkismo da cidade acabou com as salas de espera dos cinemas. Emmudeceram os violinos romanticos. Acabaram as orchestras. A sala de espera é hoje uma peça inutil. Ninguem espera nada. Nem as moças bonitas. Nem as pequenas romanticas. Que pena!

NO ENCONTRO DE DUAS RUAS ELEGANTES

ESSE angulo formado no coração da cidade pela rua do Ouvidor, cheia de tradições e de glorias, e pela rua Gonçalves Dias, em pleno esplendor da sua elegancia, vae ficar celebre na memoria do Rio moderno. Alli a cidade genuflecte-se, como numa procissão de piedade e de fé. E' a ronda das mais lindas e feiticeiras mulheres do mundo, que passa, entre ondas de perfume, na hora macia da tarde, em que a transparencia do ar parece mais leve. O encontro das duas ruas elegantes lembra, na seducção de seus effeitos, o reflexo de dois espelhos, articulados pela mão de Aladino. Que milagre incessante de belleza se processa nesse vae-e-vem de esculpturas humanas.

* * *

A multidão é sempre igual, dizem os psychologos. Alli, naquelle angulo de rua, a multidão desmente os psychologos. Como no sumidouro da foz, as aguas dos rios se despejam sempre novas, sempre outras, — no encontro das duas arterias do coração da cidade, as levas de transeuntes não são nunca as mesmas. Porque as proprias pessôas mudam. Cada dia, apresentam-se differentes. E fazem assim, sem o saber, o processo de variação da scena aberta da rua, palco accessivel a todas as vocações, com uma platéa privilegiada, que não tem criticos officiaes.

* * *

O redactor desta secção mora alli, olhando a rua do seu esconderijo bohemio. Um apartamento sobre o angulo mesmo das ruas, abrindo para o sorriso luminoso dos annuncios, quando anoitece, e para a multicolorida paizagem da tarde, quando as graças da cidade vêm borboletear em torno á chamma das suas seducções. Que alma esquisita a alma das ruas!...

* * *

E a physionomia de certas casas, que lembram pessôas da nossa convivencia? Outro dia, esteve longo tempo á porta de uma loja moderna uma encantadôra boneca loura, de olhos azúes e de gestos automaticos. Esperava alguem. Pois a loja e a boneca pareciam irmãs. Parecidissimas. Fantasia? Não, a realidade mesma. O progresso do mundo vae revelando que dentro de todas as coisas ha vestigios de almas humanas. Essa boneca, que foi depois tomar chá e sorrir para os seus innumeros admiradores, parecia ter nascido para attrahir a curiosidade, debruçada sobre o arranjo decorativo de uma loja de *bibelots*.

* * *

O desafio está lançado pelo redactor desta secção, que fica á espreita da passagem do mundo elegante da cidade. E registrará o seu desfile, como um annotador de peregrinas bellezas.

No angulo das duas ruas, esconde-se uma kodak. Mas o operador será, apenas, chronista. E chronista de annotações rapidas, feitas a lapis, em meio da vertigem da cidade.

ARREPENDIMENTO

UMA pagina antiga, cahida sob os olhos, nesta manhã humida e fria, contou-me a historia de um homem, que levou a existencia a fazer o mal.

Cançado de tanta crueldade, quando a velhice veio annunciar-lhe as primeiras sombras da outra vida, lembrou-se de Deus.

E, já tropego, seguiu o caminho de um velho convento para aconselhar-se com a sabedoria e a piedade dos seus velhos monges.

No jardim do eremiterio sanguineas rosas abriam ao sol. E a paz do recolhimento parecia transpôr a vida claustral, derramando-se, como uma benção celeste, sobre os canteiros em flor.

Um doce eremita recebeu o peccador. E ouviu-lhe a confissão dos crimes, com a serenidade de quem nasceu para perdoar.

— Não ha faltas irreparaveis. A misericordia de Deus é infinita. Pela primeira vez, aquelle homem máo acreditou na existencia da bondade. Pediu, então, a sua penitencia. Deu-lhe o monge um pucaro de barro, dizendo-lhe:

— Só volte ao convento trazendo-o cheio d'agua. Quando o fizer, estará reconciliado com Deus.

O peccador despediu-se alliviado. E foi á fonte mais proxima cumprir a penitencia.

Debalde, porém, tentou encher o pucaro. A agua desapparecia mysteriosamente. Dias e noites insomnes passou elle sem descanço, amargurado. Resolveu correr o mundo em busca de outras fontes. Inutil. Semanas e mezes se passaram, até que, desesperançado do perdão divino, tornou ao convento, cambaleante, para restituir ao doce eremita o pucaro vazio. Mas, ao entregal-o, espremeu-se-lhe do canto dos olhos uma lagrima, que, cahindo no pucaro, ella só o encheu de transbordar.

Estava feita a reconciliação.

LUCIANO

Reconquistando, em brilhante concurso, o cargo, que já occupára, de juiz da 7.ª Pretoria Criminal, o dr. Guilherme Estellita apenas reaffirmou os seus altos méritos de jurista insigne, de profundo conhecedor da sciencia das leis. Por outro lado, o dr. Guilherme Estellita, nosso antigo confrade de imprensa e figura de relêvo em nossos circulos intellectuaes e sociaes, sempre foi um magistrado integro, que honrou as suas funcções, não transigindo nunca nas suas sabias decisões. Tudo isso — a sua competencia e a sua inteireza de caracter — concorreu, sem duvida, para a sua nova e expressiva victoria, que representa, tambem, uma conquista para a magistratura local, enriquecida com tão nobre e justa reparação. A solennidade da posse do dr. Guilherme Estellita, realizou-se na penultima quinta-feira.

O DR. GUILHERME ESTELLITA DE NOVO NA MAGISTRATURA LOCAL

Muito concorrida e brilhante foi a solennidade da posse do dr. Ribas Carneiro, no cargo de chefe da Directoria de Publicidade da Policia do Districto Federal. A escolha do chefe do governo provisorio não podia ter sido mais feliz, uma vez que o successor do dr. Coelho Branco é uma das mais brilhantes figuras do Instituto de Advogados, jurista de grande nomeada e jornalista experimentado nas arduas lides da imprensa. Falando do novo director do Serviço de Publicidade da Policia, cabe aqui uma palavra de justiça e louvor ao illustre dr. João Coelho Branco, que deixou aquelle logar para occupar o, recentemente creado, de 2.º procurador da União. O dr. Coelho Branco, que é uma intelligencia culta e um jurista de incontestavel valor, é outra escolha acertada, que acaba de ter o presidente da Republica. A' frente daquelle serviço, s. s. se orientou sempre por uma politica de conciliação, entre os interesses do regimen e os da imprensa, defendendo uns com energia e criterio, e não prejudicando outros. Si o dr. Ribas Carneiro entrou para a policia, conquistando geraes sympathias, pela sua elegancia de maneiras, o dr. Coelho Branco della se retira deixando entre todos os funccionarios sólidas e sinceras amizades. Na photographia acima, vêem-se o dr. Ribas Carneiro, o capitão Felinto Muller, chefe de Policia, e o dr. Coelho Branco e outras pessôas gradas, na cerimonia da posse do novo chefe da Directoria de Publicidade.

DA PREGUIÇA

A preguiça é o peor dos vicios; não se cançam de appegoar.

Os preguiçosos, entretanto, pensam de modo diverso: A preguiça, dizem elles, é a melhor maneira de cada um se poupar.

Não se lembram que a mocidade passa mais depressa do que a recordação dos mortos illustres e queridos, emquanto a velhice, á sorrelfa, os espreita. Os preguiçosos têm vida longa; em compensação, soffrem mais...

O homem inerte é, forçosamente, um anormal: alguma coisa elle deverá produzir, ainda que sob feição graciosa.

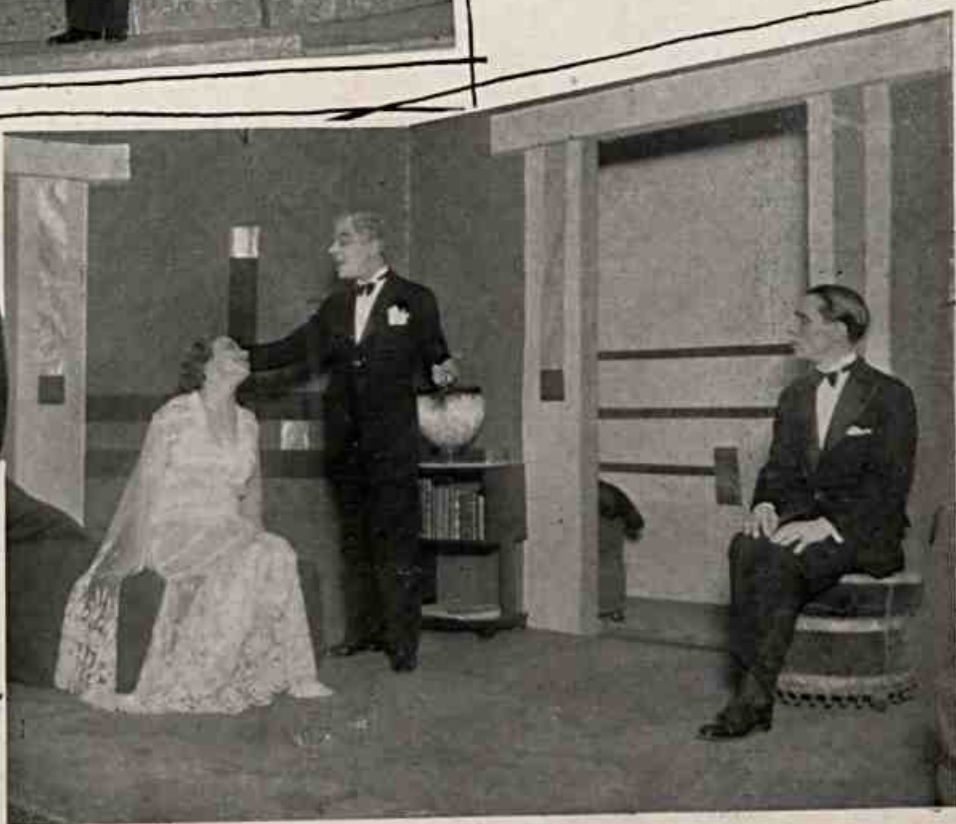
A preguiça é o relaxamento total da alma e do corpo.

Alexandre Passos

Na séde da legação da Polonia reuniram-se, na semana passada, vários officiaes do Exercito brasileiro, entre elles, o general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra, para receber, das mãos do ministro Thadée Grabowski, as condecorações com que foram, recentemente, distinguidos pelo governo polonez. As gravuras desta pagina apresentam dois flagrantes da solennidade, vendo-se, ahi, além do ministro da Polonia e do aviador capitão Stanislaw Sharzinski, os officiaes condecorados, que são os seguintes: general Augusto Ignacio do Espirito Santo Cardoso, coronel Newton Braga, tenentes-coroneis Angelo Brasil e Ivan Carpenter Ferreira; capitães Godofredo Vidal, Ignacio de Loyola, João Adil de Oliveira, Benjamin Amarante, José Sampaio Macedo, José Vicente Lima, Mendes de Moraes e Silvino Cavalcanti; majores Carlos Manoel Vinhaes, Estevam Leite, Luiz Carneiro e Guilherme Telles Ribeiro e primeiro-tenente Nero Moura.

PROCOPIO EM "DEUS LHE PAGUE"

Procopio Ferreira tem um papel definitivo na peça de Joracy Camargo, ora em scena no Theatro Casino. «Deus lhe pague» consagra o seu autor, mas é preciso salientar, sobretudo, o talento creador do nosso primeiro artista de theatro. Procopio confirma as qualidades excepcionaes, que lhe deram o renome, encarnando, no falso mendigo de «Deus lhe pague», um personagem difficilimo, trabalhado com rara mestria. O theatro nacional deve estar em festa pela sua dupla realização, de tão impressionantes auspícios: pela superioridade literaria da comedia, escripta com admiravel technica e scintillação, e pela arte de Procopio, maravilhosa de detalhes humanos e de sentimento theatral. «Deus lhe pague» marca um acontecimento na scena brasileira, e esse acontecimento póde ser encarnado pela victoria definitiva do nosso primeiro artista de theatro.

(A Gustavo Barroso)

SENTIMENTO inútil! Elle não conhece as mulheres e, no emtanto, quantas já o amaram e quantas elle já não amou! Bem moderno, bem de sua época, passou pelo amor e não o viu; guardou apenas uma vaga recordação, como um automobilista que passou rapidamente pela mais linda paizagem da terra e não se deteve, não a viu, não a sentiu! E agora eil-o que ama com toda sua alma! Ama-a loucamente, mas como não conhece o amor, como não comprehende as mulheres, não ousa dizer-lho. Errar? Sem duvida. Pura inexperiencia! A mulher não vê com máos olhos um amoroso, nem detesta os audaciosos... E elle contenta-se em alisar-lhe somente a ponta dos dedos!...

Ella é moça, é mulher; não reflécte, não pensa com o cerebro, mas com o coração! Bôa, dócil, confiante. Tem por elle uma grande amizade. Nada mais. A elle se confiaria inteira, si não presentisse nelle, ha alguns mezes, o sentimento que a custo domina. Uma *coquette*, tiraria o seu partido; ella não. E' orgulhosa, detesta a frivolidade, e, depois, elle havia sido sempre, um excellente amigo, serviçal, humilde, polido.

— Você sonha, Neuza?

Elle, de onde estava sentado a via com a fronte contra o vidro da janella, os olhos magnificos, negros, luminosos, procurando ansiosamente, esperando qualquer coisa da rua. Esperando o que? Elle sentia um vácuo enorme no peito; dominava-o uma enorme agonia deante do enygma daquelle olhar, daquella espéra...

Só porque a imaginação tem livre curso deante da belleza, na maioria das vezes é que amamos aquelles que não comprehendemos. Elle havia começado por ser um excellente amigo. Pouco a pouco, foi reparando que, na intimidade, no abandono de si mesma, ella era linda; uma mulher que ganhava enormemente ao ser vista de perto, intimamente quasi. Dessa observação veiu o interesse. Começou a observar e a estudál-a e, quando se certificou que não a comprehenderia nunca, amou-a doidamente.

— Em que sonha você, Neuza? — insistiu elle.

Ambos eram, nessa noite, convidados de Mme. Rezende, em Santa Thereza. Grande *soirée*, onde todo o Rio se déra "rendez-vous". O jazz toca um *blues* lento. Os pares dançam: alguns, languidos, tão languidos como um "swing-gomme" já marcado; outros, tão parados, tão colados, que mais pareciam convalescentes duma grande doença e ensaiavam os primeiros passos, lentos, incertos... Lá dentro, tudo é rumor, voluptuosidade, emquanto que, na pequena sala onde ella se refugiara e aonde elle a seguira, apenas illuminada, de onde se vê o grande portão de entrada, dando para uma rua toda curva, ha quasi um recolhimento. Tudo é calma.

Um sorriso aflóra a seus lábios. Um sorriso morno, descrente, quasi doloroso. Elle toma-lhe as mãos e percebe o calor e a agitação.

— Você tem febre.

Ella respondeu longe, sem deixar, comtudo, de olhar o portão da rua:

— Que importa?

Um silencio doloroso, pesado, mantem-n'os assim largos minutos.

— Um cigarro?

Offerece elle, por fim.

Ella aceita. Elle aproxima-se para accender o *briquet*. Daquella roupa longa, collada ao corpo, que ella fizéra vir de Paris, emana um *perfume* de carne. A pequena claridade do *briquet* illumina-lhe as faces, dando-lhe um sombreado quasi que phantastico. Elle se acha juntinho a ella; toma-lhe uma das mãos e murmura, docemente, baixo, a medo:

— Neuza!...

Ella olha-o nos olhos; um leve sorriso de bondade vem-lhe aos lábios. E vae responder, quando um auto pára deante do portão. Um movimento de alegria domina-a; a seguir, um outro de decepção, e ella murmura para si mesma, já esquecida de que elle ali estava:

— Enganei-me... Paciencia...

Elle deixa-se cahir no divan. Uma torrente de pensamento vêm-lhe á memória. Dizem que ella tem muitos amantes. "Calumnia" — respondêra elle sempre. Maldade. Só porque ella tinha os olhos voluptuosos! Nessa mesma noite, alguém, em tom ironico, havia-lhe dito: "Você já sabia que Neuza e Dario, o escriptor, são amantes?" Elle havia encolhido os hombros, mas o seu interlocutor insistira: "Posso garantir". E si fôra verdade? Não. Não era possivel. Oh! como elle detestava esse Dario! Mas seria possivel que alguém pudesse sympathizar com aquelle homem que falava de modo ironico e acerbo, e sempre com um olhar horrivelmente mobil? A única coisa que elle tinha era talento. Lá isso não se lhe podia negar; mas, tirando-lhe isso, que lhe restava? Nada. Dizem que é um terrivel conquistador, que sabe fazer soffrer as mulheres. Mas tudo isso elle julgava horrivelmente mesquinho, banal para que Neuza se interessasse. Sentiu um desejo immenso de a interrogar e a brutalidade dos timidos impelle-o a perguntar, com a voz tremula:

— Você espera alguém, Neuza?

Elle nunca havia ousado entrar na sua vida particular. Nunca havia indagado, nem procurado saber de nada. Ella, sem o olhar, com um fervor quasi religioso, respondeu:

— Espero. Espero meu amante!

Elle empallideceu. A verdade aterrou-o. Sabia-a ousada, mas nunca a julgára capaz de tanta franqueza, mesmo a elle, seu melhor amigo. Sentiu uma enorme pena. Afinal, para que esperar, insistir, amar com fervor e humildade a uma creatura que estava tão longe delle? O seu dever era sahir immediatamente. Mas não se mexeu, humilhado, soffrendo horrivelmente. Apagou o cigarro para que a claridade de sua ponta vermelha, ao fumál-o, não trahisse a sua enorme pallidez, e voltou a murmurar baixo, a medo:

— Seu amante?... Quem, Neuza?

— Dario — respondeu ella, docemente.

As tres syllabas daquelle nome, ditas suave e lentamente, o punham em uma agonia. Por que havia ella, que sempre fôra honesta, que desde que perdêra o marido nunca se entregára a ninguém, durante oito annos — por que havia ella escolhido justamente aquelle homem que nunca a poderia fazer feliz? Talvez pelo estranho daquella physionomia fria, inexpressiva e aquella palavra irônica, que elle tanto detestava! Elle sóffre, mas não quer ser o único. Ella disséra que espéra Dario e este — elle bem o sabia — havia partido aquella mesma tarde para S. Paulo. Impiedosamente, com crueldade, elle conta-lhe isso. E é ella quem soffre.

— E nem me disse adeus! — balbucia ella, num soluço.

E, sem mesmo perceber o quanto elle soffre, ella habitualmente callada, reservada em suas confidencias, sente uma enorme necessidade de se lhe confiar toda. A pena e a dor obrigam-n'a a abrir sua alma. Uma lagrima lenta escorre-lhe pelas faces:

— Meu Deus — balbucia ella — como eu soffro!... E nem ao menos tenho a certeza de que elle me ama!...

Ella está pertinho delle, sentada agora, abatida pela dôr. Elle não teria mais que estender um braço para têl-a toda de encontro ao peito, não teria mais que inclinar-lhe a cabeça para beijar sua bôcca tremula. Em minutos como esse uma mulher se abandona inteira, sem reflectir, talvez para se vingar de si mesma, por ser tão fraca. Mas é preciso ser audacioso, conhecer a psychologia desconcertante da mulher que soffre, para approveitar tal momento. E' preciso agir rapidamente. O minuto póde ser dos mais bellos... Mas elle hesitou e... o minuto passou...

— Vamo-nos — disse ella, levantando-se. — Quer acompanhar-me?

— Por que não?

E elles partiram daquella casa em fésta.

UM auto os conduzia.

Neuza sonha com Dario. Elle também. Ambos pensam no mesmo inimigo. E, no emtanto, elle tem a convicção de que erra, de que, ao em vez de pensar no outro, deveria fazer tudo para apagar a sua imagem. Mas conservou-se callado.

— Tenho sêde, sinto calor! — supplicou ella.

Elle deu ordem ao *chauffeur* para ir ao Leme. O auto devorava aos poucos a distancia entre Santa Thereza e o Leme. Parecia entrar pela noite a dentro. Ambos conservavam-se callados, acabrunhados pela força dominadora do phantasma.

O auto parou. Elles saltaram, caminharam um pouco pela praia e entraram no restaurante do Leme.

— E elle partio sem mesmo me dizer adeus! — repete Neuza, dolorosamente.

Elle lastima a sua dor, procura consolál-a. Suas palavras sahem docemente, como uma oração. Ella eleva para elle aquelle olhar que todos acham tão ardente, e entrega-lhe as mãos, que elle acaricia com fervor. E, deante de tanta abnegação, ella soffre ainda, soffre pelo outro; mas aquella caricia doce e humilde enleva-a, faz-lhe bem.

Elle percebe que ella está longe, muito longe delle. Alguma coisa lhe diz que deve combater aquelle phantasma, chamando-a á vida real. E elle procura desviar o pensamento della...

— Vae amanhã ás corridas?

Ella não respondeu. Elle insiste, mas, sem saber porque, as suas palavras giram em torno do outro...

— Leu você o artigo do Grieco, hoje, sobre os livros apparecidos? Eu não gostei, mas elle é um critico sincero, de grande valor.

— *Gaffe!* O artigo criticava fortemente, mettia mesmo abaixo o ultimo livro de Dario. Ella o havia lido. Então elle ainda não sabia que jamais um homem que faz a côrte a uma mulher deve menosprezar, deante della, com ou sem razão, o seu amante ou marido?

Ella endireita-se, como si a houvessem despertado, e defende o amante, e a sua obra; chega mesmo a dizer que, si Dario estivesse ali, ella seria capaz de pedir-lhe perdão pelo que disse o critico, pois poucos homens conhecia ella do seu valor intellectual!

Elle sente-se vencido, humilhado.

Ella tem uma vontade louca de partir, de fugir daquelle homem que ousára falar mal delle!...

E, já no automovel, elle, desamparado, implora um rendez-vous.

— Amanhã... Você quer? Irei buscál-a?

— Sim... Póde ser, mas não é certo. Não sei bem ainda.

Elle insiste, como sempre; não percebeu que havia perdido toda a chance e, com ella, uma bôa amiga...

No dia seguinte, quando elle chegou, ella já havia partido. Dario, que não a amava, que nunca a amou, voltou, absorveu-a, fêl-a soffrer e partiu novamente varias vezes...

E elle, que a amava, passou a ser evitado, mas mesmo assim nunca desesperou...

Um dia, quem sabe? cançada de soffrer... Elle pensa assim, e, no emtanto, ella pensa exactamente o contrario, satisfeita de viver, soffrer, ser feliz um minuto e voltar a soffrer semanas a fio... Poder-se-á comprehender uma mulher amante sem soffrimento?

E elle? Sentimento inútil!

Caverna de Ali Babá

POBRE BEIRA-MAR!

E' uma coisa horrivel e que depõe de maneira humilhante contra a civilização da nossa capital consentirem as autoridades — Policia e Prefeitura — na apposição de cartazes nas muralhas da Avenida Beira-Mar.

Em parte alguma do mundo se consentiria em semelhante attentado á esthetica duma cidade. Aquelles retangulos de papel colorido enfeiam o muro do logradouro publico e prejudicam a propria paizagem.

Quem viaja em França nota que, em todas as paredes de edificações que se possam prestar á collocação de annuncios, se lê esta advertencia, acompanhada de citação da lei que a sanciona: Defense d'afficher. E ninguem ousa infringir a disposição legal. Nos outros paizes, leis iguaes regulamentam a materia, de modo que o cartaz só apparece onde póde apparecer.

No tempo da Republica Velha, apesar de todos os seus erros, o Prefeito do Districto Federal impediu se consummasse o crime duma concessão a certo individuo para a collocação de annuncios em azulejos nos paredões da Beira-Mar. Na Republica Nova, moralizadora e discricionaria, foram as autoridades que deram o exemplo do estrago a fazer-se na pobre avenida, consentindo et pour cause que alli se puzessem os reclamos do Partido Autonomista e mandando mesmo pôr os da Companhia Franceza do Municipal.

Depois disso, estava a porta aberta e choveram os annuncios nos muros, damnificando-os e indignando os que passam por aquelle local.

Não se comprehende que, em uma cidade culta e decente, seja possivel semelhante abuso. Destas linhas sem valor, mas sinceras e indignadas, levantamos o nosso protesto contra essa prova de máu gosto e contra a continuação desse verdadeiro vandalismo em um dos mais bellos e frequentados logradouros do Rio de Janeiro. Ao menos, em consideração aos estrangeiros que nos visitam, o abuso deve cessar!...

SÉSAMO

Ary Kermer, compositor e poeta patricio, que, entre quatrocentos concurrentes, acaba de obter o primeiro logar no concurso de canções da «A Noite», com a poesia «Promessa». Aproveitando o motivo de «Promessa», Ary Kermer escreveu linda peça regional com o mesmo nome, que a «Casa de Caboclo» apresentou ao publico com grande exito. A peça «Promessa», inspirada nas festas regionaes do mez de junho, possue delicados numeros de musica de Ary Kermer e José Maria de Abreu.

Mario Vilalva é um nome de prestigiosa projecção no scenario da nossa actividade intellectual. E sua physionomia literaria é das mais caracteristicas e impressivas. Autor de varios volumes de poesia e de prosa, o poeta de «Arrebóes e Clarins», o ensaista de «Fagundes Varela» vem de publicar, agora, «Poemas de Hontem e de Hoje», obra do mais alto expressionismo poetico. Belleza de colorido, harmonia de rythmos, fluencia e espontaneidade emocional — tudo isso Mario Vilalva nos offerece nos seus magnificos «Poemas de Hontem e de Hoje». E é um encanto o ambiente espiritual e emotivo com que o poeta surprehende e enleva os que o lêem com a alma e com o coração, sentindo e comprehendendo o delicioso intimismo da fascinação de sua arte.

* * *

José Maria de Abreu é o compositor victorioso de «Promessa», que alcançou o 1.º logar no concurso instituido pelo vespertino «A Noite». Vindo de S. Paulo ha pouco tempo, tornou-se, rapidamente, um dos nomes mais populares entre os musicistas da cidade. Suas peças, leves e inspiradas, andam de bocca em bocca, de ouvido em ouvido, destacando-se, no momento, além de «Promessa», a valsa «Si eu fizesse uma canção para você», com versos de Oswaldo Santiago, creação de Gastão Formenti. José Maria de Abreu faz jús, com effeito, ao exito que aureola seu nome e suas composições.

Na vivenda do casal Gomes da Silva, na Tijuca, realizou-se sabbado ultimo encantadora festa caipira, na qual se apresentaram em trajes regionaes varios elementos da nossa sociedade. Ahi está um grupo desses festivos «caipiras» civilizados...

FILIGRANAS

O mais extravagante colleccionador inglez é um que tem a mania de ajuntar portas de casas, castellos e mosteiros historicos. Faz pouco tempo, obteve a peso de ouro a porta da Conciergerie, pela qual sahiram para ir á guilhotina Maria Antonietta, Carlota Corday, Danton e Robespierre.

Outro colleccionador, tambem inglez, lord Petersham, ajunta amostras de chá e tabaco de toda a parte; China, Russia, India, Japão, Brasil, Africa, etc., todas guardadas em vasilhas de cristal e de ouro.

A rainha viuva da Italia é outra colleccionadora caprichosa, preoccupando-se com calçados pertencentes a todas as épocas e a personagens notaveis. Na sua collecção figura uma sandalia de Nero, uns escarpins de Maria de Inglaterra, dois pares de sapatos da rainha Anna e da imperatriz Josephina.

NOCTURNO DE LUXO ...

Todos os dias o homem ia a estação
machinalmente,
pontualmente,
como um funccionario honesto.

Trem vinha,
trem ia,
o homem sempre na estação...
Estava á espera do segundo nocturno de Chopin...

EVAGRIO RODRIGUES

Outra photographia da festa regional realizada na residencia do casal Gomes da Silva.

COMO A AGUA DO MAR

O amor é, ainda, o melhor e o mais vasto assumpto para um chronista banal.

Elle é como bem diz uma personagem de Henri Bordeaux: — "inexgotavel como o oceano".

Senhora Mesquita Pereira, distincto elemento da nossa sociedade.

Todos podem beber delle, sem que falte agua para ninguem.

E' bello o pensamento. Mas, o que não é razoavel, é que se beba delle para matar a sêde...

Salvo si, por traz da imagem da personagem do romancista francez, o que se esconde é a idéa de que o amor é como a agua marinha, por que não dessedenta a quem della bebe...

* * *

Seja como fôr, esse bello sentimento, que nos transvia a cabeça e estraga a vida, quasi sempre; esse amor que, segundo Ninon de Lenclos, "est un enchantement", e "la douceur de vivre", na definição de Marcelle Tinayre; esse amor, emfim, de que todos falam, e que, nos versos romanticos do poeta chileno Guilherme Matta,

. . . . "es un poema ya triste, ya sombrio, ya travieso..."

esse amor é o assumpto melhor com que os que fazem literatura ainda podem contar...

* * *

Entretanto, eu estou hoje na situação de alguem que fosse morrer de sêde, sobre uma praia bonita, beijada pelas ondas...

Justamente porque tenho um assumpto excellente — o amor — é que não posso, ou antes, não sei falar delle, com talento.

E, si, por acaso, eu tentasse fazêl-o, estou certo de que não faria nada que fosse ao menos toleravel.

Mesmo porque, para ser coherente com Machado de Assis, que dizia: "Tudo que se faz com amor se faz bem" — eu hoje não poderia falar do amor com amor...

* * *

Maldizel-o dá a idéa de amargura e de despeito. E eu francamente, não estou sentindo despeito nem amargura, pelo amor...

O que sinto é, talvez desinteresse. Absoluto desinteresse.

* * *

O amor, além de um assumpto magnifico, é um bello motivo de alegria — quando, aliás, nos enche a vida de sonho e de esplendor.

Mas, quando a creatura a quem amamos não nos dá esse amor que a alma deseja e reclama, o mais acertado é pôl-o á margem, — como quem arranca e atira para o lado a herva má de um canteiro... Ou as rosas mortas de um um jarro...

* * *

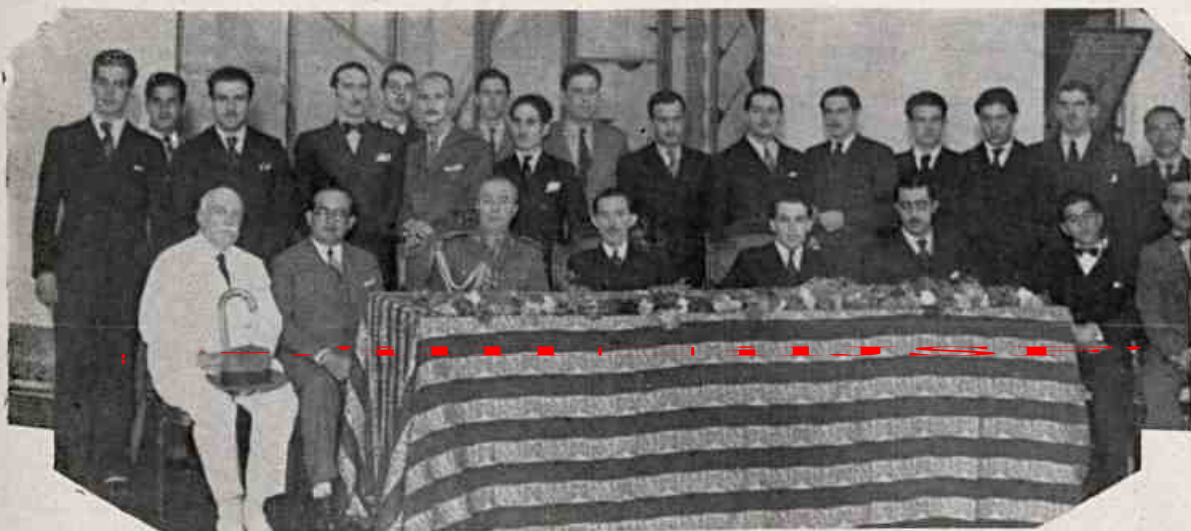
Vejo, porém, que estou aqui a falar do amor, e só do amor.

Perdôem!

Não era este o meu objectivo. Eu queria, e tão somente, fazer uma chroniqueta ligeira.

Falhei? Não é a primeira vez que isso me acontece.

Yves

A condessa Irene Muccioli Lupi Patrizia Urbirate é esposa do conde Ricardo de Urbino e pertence á alta linhagem da aristocracia italiana. A illustre dama é grande amiga do nosso paiz. Viajando por prazer, deu-nos a honra de escolher o Rio para aqui passar o inverno. Possuindo largo circulo de relações em nossa sociedade e nas rodas diplomaticas, a condessa Irene tem sido alvo das mais significativas provas de apreço.

A Associação Universitaria da Faculdade de Direito offereceu, no salão nobre da Sociedade Sul-riograndense, uma recepção em honra dos bacharelandos gaúchos que ora nos visitam, em delegação official da Faculdade de Direito de Porto Alegre. Foi uma expressiva festa de cordialidade academica, realizada com a presença de representantes do governo e das classes universitarias, conforme documenta o nosso «cliché».

O SEMEADOR

Naquelle tempo vivia o Homem a semear pelos caminhos. Subia a altas montanhas, descia a valles profundos, corria longas e poeirentas estradas a semear, a semear...

Mas nem sempre era fecundo o seu labor. Pois, quando não era propicia a terra, a semente não germinava. Entretanto, muita vez cahia o grão em sólo fertil e generoso, e a semente brotava, e a arvore irrompia, viridente, triumphante, ramos erguidos para o céo, que a abençoava com a sua luz, a sua agua e o seu calor. E crescia, crescia, e florescente e coberta de fructos sanguineos e doirados que se offertavam ás bôccas famintas.

E então o semeador sentia-se recompensado e feliz...

O semeador é aquelle que vae pela vida prodigalizando o seu carinho e o seu affecto, lançando aos quatro pontos da terra pedaços de seu coração.

A arvore de sanguineos e doirados pomos é o amor que faz o milagre de saciar bôccas famintas.

A semente lançada, a ternura e o enthusiasmo das almas ardentes. A terra ingrata, a aridez e a seccura de certos corações...

REGINA KIZIERI

Uma homenagem profundamente tocante foi a que se realizou, na penultima quarta-feira, na Escola de Commercio Amaro Cavalcante, em memoria do vulto inesquecivel de Raul Azêdo, o grande hygienista, sociologo e publicista patricio que, durante largo tempo, dirigiu aquelle instituto de ensino. Promovida pela directoria da Escola, pelos seus corpos docente e discente, a homenagem alli tributada á memoria do dr. Raul Azêdo, por occasião do 30.º dia do seu passamento, teve a expressiva significação de um acto de civismo envolvendo um preito de saudade e de veneração, sendo inaugurado, na sala que tem seu nome, o retrato do notavel brasileiro. O nosso «cliché» focaliza um aspecto dessa sessão civica, vendo-se os membros da mesa que presidiu á mesma, e pessôas da familia do dr. Raul Azêdo, inclusive seu illustre genro e companheiro de lutas, dr. Joaquim Pimenta, o dr. Venancio Filho, representante do director geral da Instrucção Municipal, dr. Anisio Teixeira, a professora Maria Junqueira Schimidt, actual directora da Escola, etc.

Trepações

NA Quinta da Bôa Vista e no jardim do Campo de Sant'Anna ha uns lagos artificiaes, que são o paraiso dos namorados. Lagos navegaveis. Não sabiam disso? Pois é a seductôra novidade romantica desta linda cidade carioca. Quem primeiro introduziu o habito de uns passeios nos lagos dos aprazi veis parques foi o joven engenheiro de Botafogo, que faz, regularmente, todas as semanas, um passeio desses, ao lado de incomparavel rapariga, que é uma figurinha mythologica. Ainda no ultimo sabbado, ali pelas 2 horas da tarde, no Campo de Sant'Anna, os dois eram vistos, numa especie de gondola romantica, alheios a tudo. Um pavão maravilhoso passeiava á margem do canal sobre o tapete verde do gramado.

NO chão, perto da Cinelandia, foi achado o seguinte bilhete: "Estou apaixonado. Não tenho mais socego. Enlouqueço. Morro." Estava endereçado a um nome feminino muito sonoro. Assignava-o, porém, um nome inexpressivo. Parecia ter sido escripto para uma confissão de emergencia. Talvez para ser dado no cinema, dentro da escuridão. Entretanto, havia no papel um timbre conhecido, com endereço e numero de telephone. Será que foi já a destinataria que o perdeu? E se alguem utilizar o endereço?

—A arte de escrever é uma arte difficilima. Assim não pensa, entretanto, um dos mais fecundos escriptores da sua geração. E não pensa assim, porque cada dia escreve mais. Ora, si a arte offerecesse ao plumitivo a menor difficuldade, elle não daria esse exemplo de fecundidade maravilhosa.

Parece mesmo que o joven homem de letras sente uma volupia especial em apparecer assim capaz de rivalizar com um Coelho Netto ou, mais modernamente, com um Humberto de Campos.

Ha, em todo caso, uma differença: é que esses escriptores fecundos podem escrever muito, mas variam o assumpto. E o novel plumitivo não varia nunca. Está assim exposto a ser consagrado como escriptor-mimiographo.

Era assim que, numa roda de homens de letras, a classe desunida fazia a mais ingenua das *trepações* da semana. ::

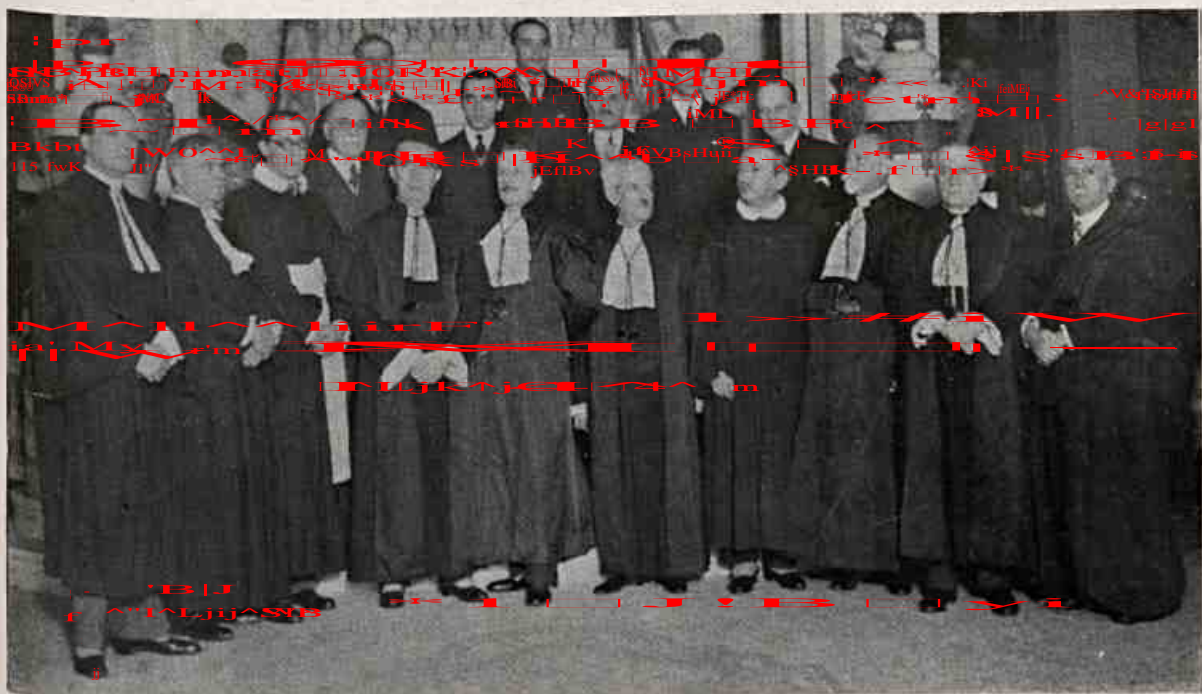
Maria Sabina, a festejada poetisa e declamadora patricia, realiza, hoje, no Trianon, um lindo festival artistico. Nesse interessante recital, que apropriadamente denominou «O Brasil dos Poetas», Maria Sabina, com o encanto e a seducção da sua arte, dirá versos de poetas de todos os Estados do nosso paiz.

Uma «grande» attitude do pequeno Sergio, filhinho do casal dr. Pedro Sá.

NÃO sei qual era o escriptor sul-americano amigo de Vargas Vila que sentia uma incomparavel felicidade em escutar. Escutar simplesmente, eis um voluptuoso *sport* desse homem de letras. Pois bem, eu sou nisto parecido com o biographado de Vargas Vila. Vivo a escutar. A escutar tudo. Em toda parte. E foi, graças ao meu maravilhoso passatempo, que pude penetrar o segredo de certa joven, cujo elegante esposo tem por ella um apaixonado amôr... Estavamos num omnibus de Palacio Guanabara-Club Naval: *madame*, num bonito costume preto, sua amiguinha mais intima e eu. Se mais alguem existisse, não importava. Importa saber que *madame* conversava animadamente e eu... escutava, no banco da frente, com o ar distrahido de um homem superior ás cousas terrenas. *Madame* fazia confidencias á sua *mignonne* companheirinha. E revelava que conseguira apaixonar o seu elegante marido, sobre quem ella agora exercia uma verdadeira fascinação. Fazia delle o que queria. E *madame*, com um fio de voz muito subtil, revelou que tudo isso fôra obra de uns conselhos de certa amiga commum, que lhe ensinára os meios de captivar o esposo esquivo. Bem que lhe serviram os conselhos! E, sem querer, *madame* disse para a outra cheia de malicia:

— Calcula agora o que Fulaninha não sabe fazer em causa propria.... o que ella não ensina á gente...

O omnibus parou em frente ao Conselho Municipal. Fui eu quem saltou, lembrando-me de Vargas Vila, do seu biographado e do segredo da linda passageirinha, que lá se foi, contente da vida e do seu amôr...

AS duas amiguinhas são inseparaveis. Querem-se muito. Desde o "Sacré Cœur". Os melhores acontecimentos de sua vida têm vindo ao mesmo tempo para uma e outra. Quando a mais moça (tres mezes, apenas) se sentiu enamorada do primo, a outra começou a gostar do amigo mais intimo do seu irmão. Ficaram noivas na mesma semana. E coincidencia notavel: romperam o noivado ao mesmo tempo... Hoje, as duas inseparaveis amigas não têm nenhum *flirt*. E, pelos modos, não estão ligando a minima importancia ao casamento. Consta até que vão formar uma liga anti-matrimonial.

Os deputados eleitos para representar o Districto Federal na Constituinte receberam os seus diplomas segunda-feira, em reunião convocada especialmente para esse fim pelo Tribunal Regional, cujos juizes apparecem na photographia juntamente com os novos constituintes, á excepção dos srs. Olegario Marianno, Sampaio Corrêa e Amaral Peixoto, que deixaram de comparecer.

As bódas de prata do illustre casal desembargador Alvaro Bittencourt Belford - d. Alzira d'Assumpção Belford foram commemoradas com uma solenne missa em acção de graças, mandada celebrar, no Mosteiro de S. Bento, pela senhorita Marina Belford, filha dos anniversariantes. Nosso «cliché» focaliza um grupo das pessôas que compareceram á solennidade religiosa, vendo-se ao centro o casal Belford e sua filha Marina.

Numa das dependencias da Superintendencia do Ensino Secundario, e sob o patrocinio do major Agricola Bethlem, realizou-se em dias da penultima semana interessante exposição de livros didacticos editados pela Companhia de Melhoramentos de S. Paulo. Ao acto inaugural, além do Superintendente do Ensino Secundario, compareceram numerosos inspectores de ensino, professores, etc. O «cliché» acima focaliza um aspecto da inauguração desse bem organizado mostruario de livros didacticos.

O anniversario da fundação do Instituto La-Fayette foi commemorado juntamente com a data natalicia de seu director, o professor La-Fayette Côrtes, realizando-se, por esse motivo, no salão nobre do Departamento Feminino daquelle educandário, á rua Conde de Bomfim, brilhante festa de arte, que teve como parte principal uma conferencia da professora Dirce Lopes Côrtes sobre «A alma do homem e do mundo, revelada na linguagem subjectiva da Musica». São dois flagrantes dessa reunião o que focaliza o «clichê» acima, onde se vêem: a orchestra de alumnos, dirigida pelo professor Norberto Cataldi, após a execução da «Symphonia burlesca», de Haydn, e parte da assistência.

"O MOMENTO"

Completou o seu oitavo anniversario, fazendo circular um numero especial commemorativo desse facto auspicioso na sua vida, o pamphleto politico *O Momento*, fundado e dirigido ainda hoje pelo nosso confrade Asdrubal Cardoso, esforçado jornalista, que desfructa das maiores sympathias na nossa imprensa, pelas suas attitudes fidalgas de cavalheiro.

Asdrubal Cardoso tem sido, por esse motivo, muito felicitado.

Senhorita Maria da Silva Loures, que se casou, nesta capital, com o sr. Emilio Loures Ferreira.

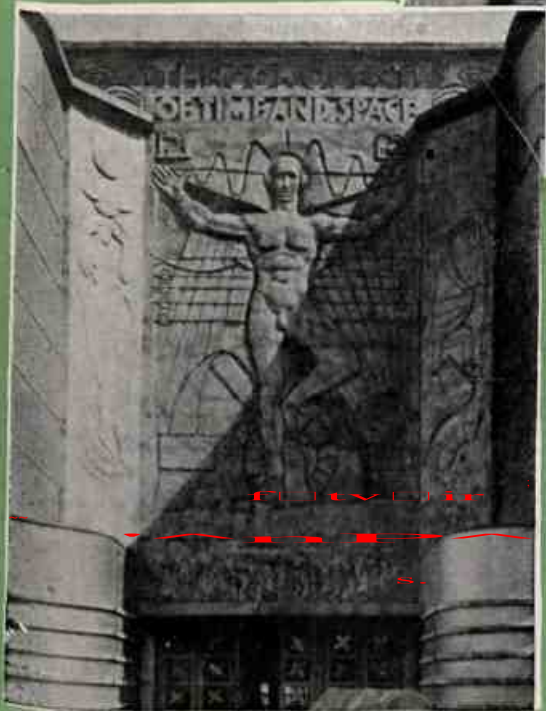
Enlace da senhorita Giovanna Goldoni com o sr. Heitor Matty, celebrado nesta capital.

A EXCURSÃO TURÍSTICA CULTURAL AOS ESTADOS UNIDOS

O Touring Club do Brasil vae levar a effeito, em agosto proximo, grande Excursão Turistica Cultural aos Estados Unidos, aproveitando o funccionamento da Exposição de Chicago, que reúne, como se sabe, aspectos do mundo inteiro e episodios commemorativos das mais famosas phases da vida universal. A viagem, posta sob os auspicios do Ministério das Relações Exteriores, conta, já, grande numero de inscripções de médicos, engenheiros, architectos, homens de letras e outros representantes das actividades intellectuaes do paiz, além de numerosas familias desta capital e dos Estados. Os excursionistas partirão do Rio a 17 do mez vindouro, a bordo do "American Legion", soberbo paquete de 21.000 toneladas, pertencenete á frota do "American Legion". Dadas as facilidades concedidas á viagem pelo nosso governo e aos objectivos de cordialidade americano-brasileiro que a norteiam, tudo faz prever mais um grande exito para o Touring Club do Brasil, cujo presidente, dr. Octavio Guinle, se empenha em estimular o intercâmbio turistico entre o nosso paiz e as nações amigas. A viagem é organizada pelo Departamento de Turismo, sob a orientação do dr. P. B. de Cerqueira Lima, vice-presidente dessa benemerita instituição.

* * *

A EXPOSIÇÃO DE CHICAGO

Trez visões monumentaes da grande Exposição Internacional de Chicago, que será inaugurada em agosto proximo. As torres centraes do «Palacio Federal». A «montanha magica», ou «ilha encantada» do «Parque de Diversões». E um detalhe do «Palacio da Electricidade»: «A conquista do tempo e do Espaço» (baixo-relêvo).

O Club Central, de Nictheroy, que está realizando, por iniciativa de seu illustre presidente, o dr. Jorge Abreu, um attrahente programma de festas para os seus associados, promoveu, ha dias, uma excursão a Guaxindiba, no interior fluminense, onde foram tomados, especialmente para FON-FON, os instantaneos que aqui publicamos. No medalhão se vê a gentil senhorita Esther Abreu, filha do dr. Jorge Abreu, entre suas amiguinhas senhoritas Romilda Mattos e Wilza Periera.

Castalia sublime!

(Para o *FON-FON*)

O amôr, eterno thema sempre novo da poesia, não é o amor desordenado, egoistico, material: é o amôr subtil, é o amôr inspiração, o amôr sacrificio, o amôr singelo que foi apanagio dos nossos árcades.

Nas grandes obras do engenho humano, é o amôr sentimento que nos provoca a admiração e notabiliza-lhes os interpretes.

Em *La Gerusalemme liberata*, de Torquato Tasso, compare-se a estrophe 46 do canto 1.º, na qual o poeta narra o inicio dos amôres de Tancredo e Clarinda; a sublimidade da estrophe 64, canto 12, que narra o combate de Tancredo com Clarinda, tomada por um guerreiro inimigo; e a belleza das estrophes de 86 a 119 do canto 19, onde é descripto o grande amôr de Herminia por Tancredo, com a estrophe 29 do canto 4.º, em que o poeta imitou as estrophes de 33 a 43 dos *Lusiadas* e a estrophe 1.ª do canto 4.º, que foi imitada por Milton. A differença resalta, logo, á vista.

O amôr é o verdadeiro criador da esthetica, que acorda em nossa alma os sonhos grandiosos, as visões luminosas.

E é essa a razão de acharmos mais encanto na vida quando nos encontramos ao lado da mulher que amamos, e sentirmos tudo triste, irritante, quando longe do ente querido.

Por isso Paulo Mantegazza diz, com acerto, á pagina 138 do seu livro *Amôr*: "O bello e o amôr são dois companheiros inseparaveis, que nascem, crescem e muitas vezes morrem juntos, como os dois célebres irmãos siamezes."

E' muito difficil existir homem notavel, principalmente nas bellas letras e nas bellas artes, que não haja encontrado, na vida, coração maravilhoso de mulher que lhe não povoasse a fantasia de lindos sonhos e não lhe locupletasse as horas de doçuras ineffaveis.

A mulher é, mesmo, o agente indispensavel na contextura das obras primas do talento humano.

Julio Dantas, numa das tres conferencias realizadas no theatro Lyrico do Rio de Janeiro (*O heroismo, a elegancia, o amôr*), depois publicadas, pagina 126, diz: "A mulher é um capitulo eloquente e indispensavel na biographia e na historia de todos os homens célebres. Sobretudo, as mulheres que os poetas amaram."

Eloy Ottoni, por exemplo, se confessa pobre de recursos e rico de sentimento passional e nem mesmo o Amôr poderia impedil-o de amar.

E' o que se póde ler nestes versos:

Que toque a métal do desprezo altivo,
Que em banho as faces de amargoso
[pranto;
Tu pódes conseguir; porém não pódes
Prohibir-me de amar; não pódes
[tanto!

Milton, no *Paraiso perdido*, faz um archanjo discorrer com Adão sobre a mulher e o amôr. Depois de demonstrar que o maior bem que Deus deu ao homem foi a mulher e que a unica razão de ser da vida é o amôr, que, aliás, reside nella, conclúe:

— Basta-te que saibas
Que nós nos altos Céos somos ditosos,
E' que, onde amor não ha, jamais ha
[dita.

Claudio da Costa pintou, em versos, a dôr de quem se sente isolado, só, acalentando no intimo amôr immenso, profundo, real:

Ah! como é certa a minha desventura!
Nize! Nize! onde estás? aonde?
[aonde?

Só o amôr póde criar a saudade como delicioso pungir de acerbo espinho, como a definiu Garrett, no Camões.

Marilia de Dirceu celebrizou-se por ser um poema de amôr, ao modo dos pastores de Arcadia. Modelando-se por Petrarcha, Gonzaga tomou Marilia para unica musa inspiradora dos seus versos como o poeta italiano o fizéra com a meiga Laura, dividindo, tambem, seu poema em duas partes, e eliminando tudo quanto não tivesse Marilia por assumpto.

Glaura, a linda fluminense, que a morte arrebatou tão cêdo, foi a inspiradora dos carmes mais doces, dos versos mais simples e emocionaes que a escola classica brasileira nos legou, pela pena de ouro de Silva Alvarenga. E assim Casimiro, Castro Alves, Dante, Camões, e todos os grandes talentos, cada um observado por um prisma definido.

(*Continúa na pag. seguinte*)

A ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA EM MINAS GERAES

Dois aspectos da solennidade realizada em Theophilo Ottoni, pelo nucleo integralista daquella cidade, chefiado pelo sr. Narbal Luiz Magalhães, delegado-eleitor dos commerciantes daquella zona á Convenção Syndicalista, para apresentação das dez primeiras decurias de Minas Geraes. A mesa que presidiu aos trabalhos da solennidade, na qual se vê o escriptor mineiro Olbiano de Mello, um dos «leaders» do movimento integralista em Minas e chefe no sector do grande Estado, e os milicianos camisa-verdes fazendo o juramento da praxe.

Castalia sublime!

(Conclusão)

Hoffmann, num dos seus *Contos Fantasticos*, assim se exprime: "O que mais eleva o homem no seu intimo conceito é o amôr; é o amôr que com uma immensa e mysteriosa influencia illumina o nosso coração, dando-lhe a felicidade, destacada por um suave enleio."

JORGE ABREU

O dr. Carlos da Silva Araújo, illustre presidente do Rotary Club e figura de prestigio em nosso meio, como elemento social e membro da classe médica, visitou, na ultima semana, a convite do professor Frederico Eyer, a Assistencia Dentaria Infantil, a benemérita instituição que presta os maiores serviços ás crianças pobres do Rio de Janeiro com o tratamento gratuito dos dentes dos pequeninos. Recebido alli pela directoria e pelos membros da Congregação Technica da Assistencia, percorreu o dr. Carlos da Silva Araújo todas as dependencias modelares da A. D. I., onde lhe foi prestada expressiva homenagem. O nosso «cliché» focaliza um aspecto da visita do dr. Carlos da Silva Araújo á Assistencia Dentaria Infantil, vendo-se s. s. ao lado do professor Frederico Eyer e entre directores, funccionarios e pequenos protegidos daquella instituição.

Sorrindo...

UM CASO DE DIVORCIO...

STAVA eu, certa manhã, no escriptorio do advogado Beni Carvalho, meu velho amigo do Ceará, quando o causidico illustre foi procurado por um homem de roupas sertanejas, que lhe falou, mais ou menos, assim:

— Seu doutô, vosmincê é um grande adévogado e o maió inspicialista in questão de divorço que nóis temo. Fórum o qui mi informárum. Por isso, vim percurál-o. Preciso separar-me de minha muié. Num pudemo vivê mais junto. Quero divorciar-me, e entrego o causo a vosmincê, seu doutô.

Estavamos em Fortaleza, a linda capital cearense. Era, si bem me lembro, janeiro de 1916. Minha farda de alumno do Lyceu do Ceará inspirou um certo respeito ao consulente do dr. Beni Carvalho, o qual me chamou de "tenente" quando me cumprimentou.

Beni Carvalho interessou-se logo pelo caso do sertanejo zangado com a mulher e respondeu-lhe dizendo que estava ás suas ordens. E começou fazendo-lhe esta pergunta:

— Ha quanto tempo é o senhor casado?

— Casado... casado... pérpriamente... eu num só, seu doutô... — respondeu o homem. — Isto é, só e num só... Eu vivo cum essa muié ha muntos annos... Mas nem fui cum ella ao padre nem ao juiz...

— Nesse caso — tornou o advogado — o senhor não precisa divorciar-se. Si sua mulher lhe fez alguma, abandone-a, e acabou-se. O senhor não incorrerá nas penas da lei...

— Ah, seu doutô! — exclamou, desolado, o sertanejo.

E, depois de um suspiro amargo, um suspiro de desalento:

— Num adianta! Eu já larguei mais de mil véis essa muié, seu doutô, e ella vorta sempre... Vae mi percurar onde eu istou... Ella é uma muié levada dos diabo, seu doutô... E o sinhô tá vendo: eu sô tão franzino... Ouvi falá no tal divorço e na força qui o sinhô tem e vim percurál-o... Sozinho, seu doutô, é qui eu num posso fazê nada...

M. C.

— TOMA os dez mil réis que me pedes e vê si mos devolves o mais depressa possivel. Olha que o tempo é ouro.

— Fica tranquillo: pagar-te-ei com o tempo...

*

DE J. e L. Goncourt: "Ha alguma coisa mais morta do que a morte: é o movimento da praça de uma cidade do interior."

*

ELLE. — Estou certo, senhorita, de que suppõe ser eu um perfeito imbecil.

Ella. — Absolutamente! O senhor se engana: eu acho que não ha nada perfeito sobre a terra.

*

— QUE linda garota!... Que idade tem?...

— Dois mezes...

— E é a mais moça?...

*

DUAS jovens conversando:

— E teu noivo?...

— Quando soube que eu gastava dois contos de réis em vestidos, abandonou-me e se casou com minha modista...

*

UM official do regimento de Orléans foi á côrte de Luiz XIV levar uma noticia agradavel e aproveitou a opportunidade para pedir ao rei a Cruz de São Luis.

— Mas sois ainda muito moço, tenente! — objectou-lhe o monarcha.

E o valente militar, serenamente, respondeu:

— Magestade, não se vive muito no regimento de Orléans...

*

O *pae da moça*. — O senhor é ainda muito joven para se casar com minha filha. O senhor tem vinte e um annos e ella vinte e seis.

O *pretendente*. — Mas...

O *pae da moça*. — Não, não... Agora a differença é muito grande. Será melhor que vocês esperem meia duzia de annos. Então, o senhor terá vinte e sete annos e ella, provavelmente, a mesma idade...

*

— NÃO fazia uma hora que eu estava na casa e já o novo patrão me tratava de estúpido.

— Uma hora? Parece-me que demorou muito.

*

PALESTRA de dois collegiaes:

— Estive grippado e passei tão mal, que deixei de ir ao collegio durante vinte dias.

— Pois eu passei peor. Tive a grippe durante as férias.

*

— DESENGANA-TE. Assim é tempo perdido. Torna-se preciso ser energico em todas as discussões. Com minha mulher, sempre sou eu quem diz a ultima palavra.

— Assim?

— Exactamente. Digo-lhe sempre: "Tens razão".

*

SIMPLICIO sentou-se, com seu amigo Ernesto, deante de uma das mesas redondas de certo bar da Avenida. E pediu chopp. Bebeu o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto...

O amigo de Simplicio, espantado, exclamou:

— Tu não me disseste que o medico te havia autorizado a beber só um chopp por dia?

— Disse, sim. Mas este é o chopp correspondente a 4 de agosto de 1933.

*

UM operario foi ao consultorio do medico, que lhe perguntou:

— Vamos ver, rapaz, que está sentindo?

— Umas dôres em varias partes do corpo, doutor: ás vezes nas costas, outras no pescoço, e ás vezes no hombro...

— E onde sentiu a primeira dor?

— Na fabrica, doutor.

*

DE *Jules Renard*: "Era uma mulher tão feia, que quando fazia carêta ficava bonita..."

*

— VOCÊ não me disse, o outro dia, que havia conquistado a sympathia daquella senhora perguntando-lhe si era ella mesma ou a filha?

— Effectivamente. E que ha?

— E' que eu experimentei o mesmo systema com a filha, e não me deu nenhum resultado...

«Fon-Fon» no Cinema

Varias vezes Zani fôra perseguido por Grabosh, sub-gerente, em vista de constantes roubos de pelles de senhora, pois que o joven as arrebatava e as queimava como protesto ao sacrificio das innocentes raposas. Reprehendido pelo dr. Grumhaum, Zani promette mais uma vez emendar-se, sob pena de prisão, caso volvesse a reincidir.

Era o dia da visitação do orphanato, e Eve, sempre tentada para abandonar o asylo, pois que já completára os seus 18 annos, com o auxilio de suas companheiras consegue evadir-se, e refugia-se nos recantos do jardim. Sabendo do acontecido, Zani procura-a e esconde-a, tendo ainda sob a sua protecção o menino Paulo, que tambem fugira da vigilancia de sua governanta. Devido ás intrigas de Grabosh, Zani tambem é procurado pela policia como o autor de mas um furto de custosa pelle. Prisioneiro dentro do proprio zoologico, procuram a cerração para conseguir a almejada liberdade. Por um descuido de um dos guardas das jaulas, uma féra evade-se e causa o maior terror, e occorreriam factos lamentaveis si não fôsse a dedicação espantosa de Zani, que salva ainda a vida do pequeno Paulo das garras da féra enfurecida. Obtém, finalmente, o merecido perdão e, com a gratidão dos paes do pequeno, Zani e Eve desfructam toda a felicidade a que tinham direito, as delicias de um casamento de amor. E assim termina, para contento de todos, esse romance delicado e terno que teve por theatro o immenso jardim zoologico de Budapeste.

UM ROMANCE EM BUDAPEST

(ZOO IN BUDAPEST)

Da FOX

com Loretta Young — Gene Raymond e O. P. Heggie

IMMENSA multidão afflue ao bellissimo jardim zoologico de Budapest. Pela sua riquissima collecção de animaes, torna-se o grande attractivo de adultos e, mui particularmente, da creançada, que a todo transe deseja passear pelos seus arredores, na garupa do "Rajah", um elephante grande, que constitue o sonho dourado de todos os meninos.

Desde a sua infancia que Zani trabalhava naquelle zoologico, conhecendo, portanto, todos os frequentadores. Semanalmente, visitavam o jardim as moças de um orphanato, sob as vistas da inspectora austera, que descrevia solennemente as varias especies de animaes enjaulados. Dessas visitas surgiu um terno romance de amor, entre uma linda asylada, a candida Eve e Zani — romance esse traduzido nos olhares de ambos. Era director do zoologico o dr. Grumhaum, que tinha grande amizade a Zani, pois que o adoptára em virtude de ser orphão de pae e mãe, e cujo progenitor tambem trabalhára longos annos sob os cuidados do venerando director.

CONDESSA DE MONTE-CHRISTO

PRODUCÇÃO: UFA

COM

BRIGITTE HELM
RUDOLF FORSTER
LUCIE ENGLISCH

MUITOS annos após a morte do grande Alexandre Dumas, um bibliomaníaco, rebuscando em poeirentos archivos e velhos alfarrabios, descobriu um interessante manuscripto. Mas o que lhe casou maior surpreza foi a singularidade do titulo: **Condessa de Monte-Christo!** Parecia ser aquelle original a continuação do romance mais popular do grande folhetinista francez. Lendo-o attentamente, o curioso pesquisador de novidades literarias chegou á conclusão de que, realmente, alli se continuava, em campo diverso, a longa série de factos que parecia ter culminado em a **Mão do Finado.** Apesar da ausencia de assignatura, o manuscripto trahia, pela vivacidade do estylo e pela força de imaginação que o tornava da primeira á ultima scena um trabalho altamente impressionante, o mesmo popular autor que innumeras gerações de leitores têm applaudido incondicionalmente. Edmond Dantès parece que se casára legalmente com outra mulher que não a devotada Haydée. Dahi a existencia real de uma Condessa de Monte Christo. Esta a razão de ser daquelle titulo imprevisto.

Em torno á mesma é que se desenrolava a trama original do romance ainda inédito. O descobridor dessa preciosidade literaria, mais proximo do que tantos outros apaixonados pelas bôas leituras do espirito essencialmente pratico desta época, preferiu, a entregar o manuscripto a um editor qualquer, submettêl-o á apreciação de uma grande empreza cinematographica. E, porque o enredo fugisse em todos os seus pontos ao que de vulgar tem sido apresentado na téla, nestes ultimos tempos, foi immediatamente resolvida a filmagem do mesmo. Para a interpretação do papel de Condessa de Monte-Christo se exigia a escolha de um typo de mulher portadora dessa belleza extravagante que os esthetas não sabem como definir perante os modelos classicos dos gregos. Uma extra, possuidora de grandes olhos mysteriosos e dona de uma silhueta «exquise», ao tempo que o perfil parecia conservar na pureza dos seus traços toda a perfeição academica da mutilada deusa do amôr, foi escolhida, dentre uma multidão de candidatas, para as responsabilidades daquelle difficil papel. Aquelle convite foi, para Jeanette, o inicio de uma vida fantastica. Ella, que julgava não poder ascender nunca do infimo degrão em que se achava para o primeiro plano da notoriedade, perturbou-se enormemente deante das novas perspectivas que a inopinada escolha lhe rasgára deante dos olhos deslumbrados. Condessa de Monte Christo! Tudo aquillo lhe parecia um sonho extravagante, apesar de que, ao seu lado, Mimi, uma creaturinha interessante, que lhe servia de camareira, não perdia a opportunidade de aconselhal-a a ser animosa deante das suas novas possibilidades nos dominios da imagem adaptada ao som. Começam os primeiros trabalhos de filmagem. Jeanette por tal fórma se integra na personagem que deve transportar para a téla, que continúa a representar fóra do "studio" o papel de Condessa de Monte-Christo. E um dia o acaso a conduz á presença de um individuo mysterioso, no turbilhão de um grande hotel a que ella fôra ter, em companhia de Mimi, sequiosa de aventuras... Elle a fita de um modo estranho, mal a encontra, pela primeira vez, em seu caminho. E Jeanette sente, por seu turno, que aquelle homem lhe não é de todo desconhecido... Onde teria visto antes aquelle semblante triste? Parece que o envolve uma aureola de mysterio. A principio, procura evitál-o, mas, pouco a pouco, cede á fascinação daquelles olhos súpplices, daquella bôcca que parece contrahida sempre num rictus de amargura, daquella elegancia discreta, que transpira uma origem nobre... E, uma noite, eil-a que se ergue do leito como que attrahida por uma força superior á sua vontade... Marcha através dos corredorse desertos do hotel, como uma somnambula, e penetra no quarto do desconhecido...

(Conclúe na pagina 48)

BEIJOS PARA TODAS

(A Bedtime Story)

Da PARAMOUNT

DEPOIS de haver permanecido um anno na Africa, o visconde René experimenta, ao pisar a plataforma da gare de Lyon, emoções semelhantes ás do desterrado que volta á patria. Sim, porque para elle a patria é Paris, ou mais precisamente, as seductoras parisienses...

Agora mesmo, ao sahir da estação, elle pensa em Louise, a noiva que lhe está promettida, mas reflecte ao mesmo tempo que ella só o espera ao dia seguinte, e que isso lhe dará uma folga de vinte e quatro horas, que poderá aproveitar indo ver Paulette ás nove horas, Suzanne ás onze, Gabrielle á uma hora.... Et reliqua.

Depois de ter falado, por telephone ou directamente, com todas essas lindas damas, o senhor visconde, occupando em seu luxuoso automovel o logar que em condições normaes pertenceria ao lacaio, dirige-se á sua garçonnière. Em meio da viagem, um ruido estranho chega aos seus ouvidos e aos do chauffeur, Roberto. Dir-se-ia que do intimo amontoado de maletas, chapeleiras e porte-manteaux, no interior do carro, sahem sons analogos aos de um chôro de criança.

— É o motor que precisa ser ajustado, Roberto; mas você devia ter cuidado disso na garage — diz o visconde.

— Protesta o chauffeur, e o carro, depois de um longo trajecto, estaca, afinal, á porta de uma casa de magnifica apparencia, em um de cujos andares está installada a garçonnière de René.

Sóbe o visconde a casa, onde o espera o seu serviçal e cerimonioso Victor, um valet que é um tratado vivo de todas as artes e graças do seu officio. Logo depois, chegam o chauffeur e o porteiro com a bagagem do visconde, bagagem singularissima, para Victor pelo menos, que não atina como della possa fazer parte um pequerrucho de poucos mezes.

— Que significa isto? — pergunta, alarmado, o valet.

— Significa, como você está vendo, que o senhor visconde nos trouxe um indez das terras da Africa por onde andou. E ao mesmo tempo que assim responde, o chauffeur procura com os olhos um logar onde botar o pequenino. Decide-se, afinal pelo buvard da secretária, cujo matta-borrão poderá, si necessário, attenuar qualquer indiscreção do menino...

Nisto, apparece o visconde, que se maravilha tanto ou mas que o seu valet com a presença do pirralho.

Vem de molde contar aqui que, emquanto René foi em breve visita á floresta Suzanne, e o chauffeur aproveitou para um rápido aperitivo a ausência do patrão, um casal pobre, possuidor de doze filhos, resolveu prescindir do décimo terceiro e abandonou entre as valises do visconde a carne da sua carne.

Na manhã seguinte, a garçonnière passa a ser theatro dos mais importantes acontecimentos. A sequencia de visitas é iniciada por Gabrielle, que chega feita uma Euménide.

Logo depois, apparece Paulette, e atráz della Max, que, além de seu marido, é intimo amigo do visconde. Vem este a saber que Suzanne é legitima mulher de Victor, e, mais grave ainda, que Victor tem conhecimento de que a sua consorte é uma das amantes do visconde. Por ultimo, emquanto o gury berra á guéla solta, Louise telephona para recordar a seu noivo que elle deve comparecer, sem falta, á reunião que se vae effectuar no castello paterno para festejar os seus esponsaes.

(C. na pag. seguinte)

A VIDA NOS "STUDIOS"

Gloria Stuart e Paul Lukas.

QUEM vem assistir ao desenrolar dum film sobre o panno branco da téla, deixando-se dominar pela belleza da celuloide que rola na téla deante dum romance de amor, em geral liga a vida dos artistas ao delineamento das paixões que empolgam os heróes da enfabulação do enredo. Cria-se assim na alma do *fan* a lenda da vertigem da vida dos astros, que se tornam por essa visão errada creaturas que vivem uma vida que não é deste mundo. Visão errada. Visão falsa.

As "estrellas" que labutam nos "studios" para crear expressões de belleza, que vão encher de sonhos milhões de creaturas, são seres como nós outros, com a aggravante de que conquistam a sua vida de luxo e de riqueza á custa de sacrificios materiaes e moraes verdadeiramente torturantes. A fama mundial que ellas alcançam custa-lhes tantas torturas, que quasi se póde affirmar que não os compensam. Uma Greta Garbo, um Charles Farrell, uma Mary Pickford antes que nos appareçam nas suas interpretações encantadoras, soffreram as torturas do trabalho material, que ninguem conhece até que ponto é doloroso e cruel. Entretanto, nem tudo são espinhos. Nos intervallos duma *pose*, no suspender duma scena, batida pela escaldante potencia dos fócos electricos, conversa-se, brinca-se, distrae-se o espirito, acalmam-se os nervos, que, sem esses minutos de tranquillidade não supportariam a tensão a que são sujeitos. Nesses minutos rapidos de descanço, fazem-se *blagues*, diz-se mal da vida alheia, discutem-se os ultimos acontecimentos do mundo do *ecran*. E não se poupa ninguem. São as forças caudinas por onde passam todos, até os amigos de peito. Alli se fazem e desfazem reputações; alli se critica o primeiro *astro* que surge, e se deita a ultima pá de cal na *estrella* que mergulha no olvido. Si se pudesse fazer uma descripção pormenorizada da vida interior dos *studios*, nessas horas de repouso, dar-se-ia da vida cinematographica o melhor e mais preciso estudo psychologico da cinematographia.

Nancy Caroll.

Frank Morgan e Nancy Caroll.

BEIJOS PARA TODAS (Conclusão)

A chegada de Sally, a *nurse* enviada pela agencia de criados para tomar conta do pimpolho, restabelece momentaneamente a paz na *garçonnière*, mas essa paz dura apenas até quando chega outra *nurse*, que assegura que a pessoa mandada pela agencia é ella, e não a impostora que lhe usurpou o logar.

Sally confessa que é verdade quanto diz a recem-chegada, mas o visconde, a quem Sally parece mais acceitavel que a authentica ama-sêcca, resolve que não esta, e sim aquella, tome a seu cargo o garotinho.

Entrementes, a noticia de que o visconde René tem na sua *garçonnière* um petizinho de poucos mezes vae aos ouvidos de Louise, que, afinal, rompe com René quando este tem o desplante de se apresentar no castello, acompanhado do petiz... e da *nurse*!

O nosso atribulado heróe consola-se com a idéa de que, abandonado por tantos, ainda lhe restam Sally e o petizinho. Ao lado dos dois, a sua existencia poderá ainda contrahir um rythmo de felicidade caseira. E já se deslumbra na perspectiva da vida futura, quando o máo fado ainda uma vez o accommette: Sally vê Paulette no quarto de dormir do visconde, e retira-se do castello sem querer dar ouvidos a nenhuma explicação.

— Odeio-te! — impreca Sally.

— Amo-te! — responde René.

Sorri o pirralhinho, como si os convidasse a fazerem as pazes. Supplica o visconde. Commove-se a linda *nurse*. E, afinal, tudo termina o melhor que se podia desejar.

UMA LICÇÃO DE HUMILDADE

Luiz XV, aborrecido com as constantes discussões do parlamento com os duques e pares, e dos cortezãos contra os nobres, ensinou, um dia, a todos a não se envergonhar por serem de origem humilde.

Homem de muito espirito, ás vezes bastante mordaz, o rei tinha estudado a descendencia de diversas pessôas da côrte e se dava ao prazer de humilhar um pouco os que mais se orgulhavam do seu nascimento.

Assim, Luiz XV de vez em vez lembrava ao marechal de Richelieu que Vignerot, seu bisavô, fôra flautista, e aos Villeroy que descendiam de um vendedor de peixe dos tempos de Francisco I.

Certa noite em que havia entristecido varios de seus cortesãos com essas franquezas, disse-lhes, alegremente:

— Consolem se, porém, vocês porque eu, que sou, segundo me parece, um perfeito gentilhomem tive um antepassado que foi simples notário em Bourgres!

Todo mundo ficou pasmo com essa declaração. O rei tirou, então de uma pequena caixa um documento, e leu: "No reinado de Luiz XI, em 1470, havia em Bourgres um notario que se chamava Babou. Soube-se que o pae desse Babou era um barbeiro. Isto, porém, não está de todo comprovado como está a profissão de notario de Babou, que chegou a fazer fortuna e comprou para seu filho Filibert Babou um logar de thesoureiro de França. Filibert chegou a ser maitre d'hotel de Carlos VIII. Foi esse o pae de Babou, senhor de la Baudaisiere, cuja filha foi mãe de Gabriella Destré, que teve como filho natural Cesar de Vendôme, casado em 1609 com a herdeira de Merceur e pae de Isable de Vendôme, casada com Carlos Amadeu de Saboya, duque de Nemours, morto em duelo com o duque de Beaufort, seu cunhado. Carlos Amadeu foi pae de Maria de Nemours, que se casou com Carlos Emmanuel, duque de Saboya, de cujo consorcio nasceu Victor Amadeu, duque de Saboya, rei de Sardenha e pae de Maria Adelaide de Saboya, casada com Luiz de França, duque de Borgonha, de quem eu, senhores, tenho a honra de ser filho...

O pae. — E' meu retrato vivo...

CONDESSA DE MONTE-CHRISTO

(Conclusão)

Elle parece aguardál-a junto á enorme escrivaninha de cedro lavrado. Mal a vê surgir na diaphaneidade dos trajes intimos, que lhe emprestam a vaga lactescencia de um phantasma, o mysterioso hospede corre-lhe ao encontro e, sem se poder conter, a estreita nos seus braços tremulos ao tempo que lhe murmura ao ouvido:

— Querida... por que tardaste tanto em vir? Ha muito que te procuro, desesperadamente, por todos os cantos da terra.... Minha adorada Else!

Nesse instante, ao sentir nos seus labios a pressão de outros labios, Jeanette como que desperta daquelle somno hypnotico que a arrastara até o quarto do seu sombrio admirador. Aturdida com o que se passa, ella procura fugir áquelle amplexo desesperado. Mas o desconhecido a persegue, supplicante:

— Else! — Porque me não queres mais? Que mal te fiz eu para assim me detestares?

Ella lhe retruca, ameaçadora:

— Cavalheiro, si pretender desrespeitar-me, gritarei por soccorro.... A sua audacia desconhece o respeito devido a uma dama indefesa.... Não sei como vim ter aqui.... Ignoro que força mysteriosa me arrastou ao seu quarto.... mas a verdade é que o abomino...

E Jeanette parece disposta a executar o que diz si mais uma vez contra ella pretendesse investir o audacioso galanteador.

Elle, porém, inclina a cabeça, pesaroso, deante daquella joven que o fita com odio, e murmura simplesmente:

— Peço-te que me perdôes, Else... Não sabia que os annos me haviam desfigurado assim. E' doloroso que me não reconheças mais.... Que não mais te lembres daquelle que foi teu esposo.... uaquelle que te amou até a loucura...

— Meu esposo? O senhor? Mas quem é o senhor?

Elle inclina-se mais uma vez, e murmura, com um tom magoado de voz:

— Edmond Dantés.... O Conde de Monte Christo!

Jeanette perde por completo a noção da realidade. Em que mundo estaria ella vivendo? Mas a voz do camera-mans faz com que ella desperte, afinal, daquelle sonho..

— Onde anda você com o pensamento, menina?

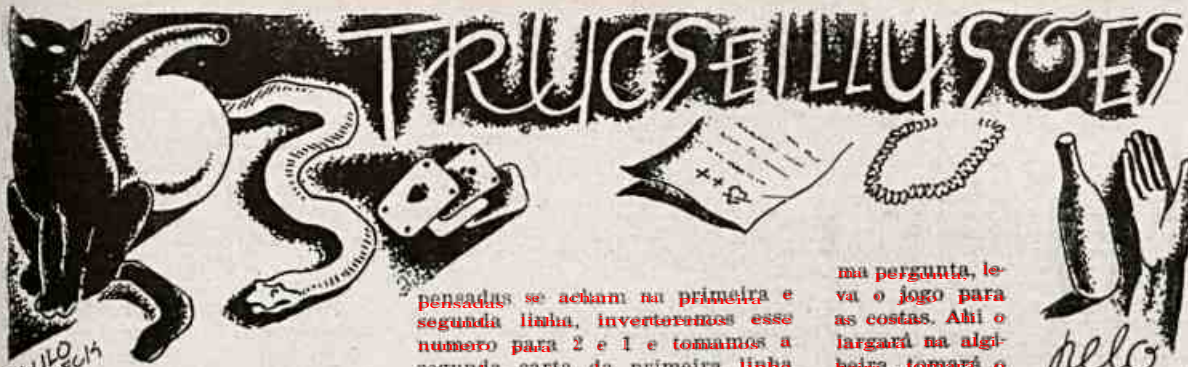
Jeanette abre os olhos espantados para o que se passa em torno. E só deante do olho vigilante da camera prestes a rodar é que ella comprehende tudo. A Condessa de Monte-Christo fôra procurar através de uma momentanea allucinação o seu lendario esposo nos dominios das sombras.

Mas Mimi, ao seu lado, lhe murmura, embevecida:

— Você nunca representou com tanta alma como hoje!

O marido (lendo). — Este jornal diz que, no Japão, persiste ainda o costume de tirar-se os sapatos quando se entra numa casa.

A esposa (friamente). — Esse costume é tambem popular nesta casa, depois de meia noite!

pelo PROF. ARONACK

AS VINTE CARTAS MAGICAS

ESTA sorte é uma das mais bonitas para distracções em salão. Collocando vinte cartas em fileira sobre a mesa, basta cada pessôa pensar numa carta de duas fileiras differentes, que direis immediatamente as cartas pensadas, bastando tão sómente vos indicarem a fileira em que se acha a carta escolhida.

Explicação:

Tomam-se vinte cartas, collocam-se duas a duas sobre a mesa. Diz-se a diversas pessôas que retenham de memoria um desses *casaes*, isto é, as duas cartas de um dos dez montes. Recolhem-se de novo todos os montes, põem-se uns sobre os outros sem desmanchar, e dispõem-se as cartas de cada *casal* sobre a mesa, de fórma que fiquem sempre representados pelas duas letras e numeros do seguinte quadro:

A 1	E 5	F 6	G 7	A 1
E 5	B 2	H 8	I 9	B 2
F 6	H 8	C 3	J 10	C 3
G 7	I 9	J 10	D 4	D 4

Pelo quadro acima, comprehende-se que o primeiro *casal* será collocado nos dois quadros que têm as letras A 1 (primeira linha, na primeira e quinta columna). O segundo *casal* nos dois quadros que têm as letras B 2 (segunda linha, na segunda e quinta columna), etc., etc.

O amador, depois de compôr duas ou trez vezes as cartas, conforme o quadro acima, para praticar, verá a facilidade de as alinhar com rapidez, não havendo nenhuma necessidade de nada decorar como nos antigos processos, o que torna muito pratico tambem para se encontrar rapidamente as cartas pensadas, empregando-se a seguinte regra:

Si nos disserem que as cartas pensadas se acham na primeira e segunda linha, inverteremos esse numero para 2 e 1 e tomamos a segunda carta da primeira linha e a primeira da segunda.

Si disserem estar na primeira e na terceira, inverteremos para 3 e 1, tirando a terceira da primeira e a primeira da terceira linha.

Si fôr a primeira e a quarta, inverteremos 4 e 1, o que quer dizer que deveremos tirar a quarta da primeira linha e a primeira da quarta.

Si fôr a segunda e a terceira, pelas regras acima explicadas, já sabemos que devemos tirar a terceira carta da segunda linha e a segunda da terceira, e assim por deante.

Si, por acaso, as cartas pensadas se acham numa só linha, resolveremos ainda mais facilmente.

Estando só na primeira linha, será a primeira e a quinta: na segunda, será a segunda e a quinta; na terceira, será a terceira e a quinta, e, na quarta linha, será a quarta e tambem a quinta.

Nada mais facil.

DESAPPARIÇÃO DA CARTA PENSADA

SORTE de grande effeito para salão. O amador toma um jogo de cartas e o entrega a um espectador, pedindo-lhe que pense numa carta, secretamente. Depois do jogo bem baralhado, e sem dirigir nenhuma pergunta a elle, fará com que a sua carta não se ache mais no baralho e, para cumulo de surpreza, retirará ella de sua algibeira. Esta sorte em um salão é um verdadeiro enygma.

Para execução da mesma divide-se um baralho em dois macetes, mais ou menos iguaes. Colloca-se um na algibeira trazeira da casaca ou, na falta desta, na algibeira das calças. A existencia deste ultimo deve ser ignorada do publico.

Entrega-se o outro macete a um espectador, pedindo-lhe que o baralhe bem, pense secretamente numa carta, e tome nota em que ordem ella se acha collocada nelle. Por exemplo: si a primeira, a segunda, a terceira, etc., a contar da frente delle.

Depois o amador toma o baralho e, manifestando intenção de retirar essa carta pensada, immediatamente, sem se lhe fazer nenhuma pergunta, leva o jogo para as costas. Ahi o largará na algibeira, tomará o outro e trará para a frente. Não se encontrando a carta pensada neste jogo, que é o segundo, poderá baralhal-o á vontade e mesmo dar a um espectador para o fazer.

Depois que elle lhe entrega o jogo, leval-o-á novamente para as costas, substituindo-o pelo outro, e, antes de trazel-o para a frente, tirará uma carta de baixo delle e passará para cima.

Calculando o espectador que as cartas não se acham mais na sua primitiva disposição, é aqui que o amador empregará o seguinte artificio, que é a chave desta experiencia.

Perguntará ao espectador em que ordem se acha a sua carta pensada. Elle, de bôa fé, lh'o dirá, porquanto acredita que, mesmo dizendo, elle não a retirará, em virtude do baralho ter sido batido por elle proprio depois de marcada a carta.

Si elle disser, portanto: — "A quarta carta", comprehende-se perfeitamente que ella agóra se acha no jogo que o amador tem em mão, no terceiro lugar, visto haver passado uma carta para cima. Tira depois uma, duas ou trez, que se vae collocando sobre o jogo. A quarta, que em verdade não é a carta pensada, deverá ser jogada sobre a mesa, com a figura voltada para baixo. Dirá o amador: "Então deverá ser essa. Queira verificar".

Emquanto o espectador vae tomar a carta para verificar, o amador empalmará a primeira, que se acha sobre o jogo que tem na mão esquerda, e que será precisamente a carta pensada pelo espectador, mettendo-a na algibeira, sem que elle o veja.

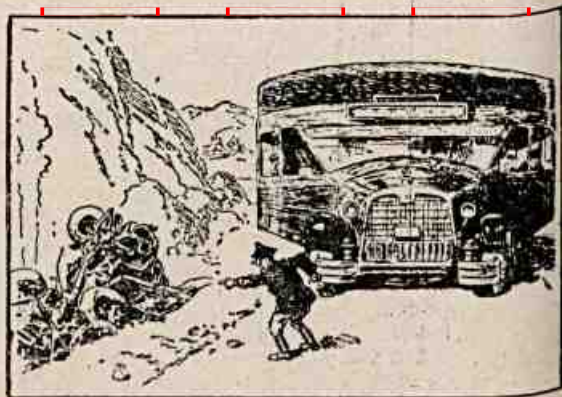
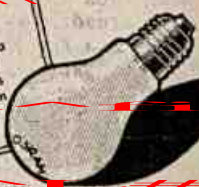
«MINHA adorada: Nas vesperas de nossa grande aventura, sinto-me inclinado a escrever-te esta carta. Não é a costumada carta sentimental do homem que se vae casar com a eleita de seu coração. Não. E' coisa mais séria e muito mais importante.

UM CASAMENTO MODERNO

Pensei hontem á noite que, embora estejamos na imminencia de casar-nos, não discutimos o sufficiente alguns pontos. Sei que me amas, mesmo que não comprehenda ainda qual foi a razão de me teres preferido, e sei tambem que te amo com loucura.

Nestes tempos de civilização isso já é bastante para que dois seres se unam em matrimonio. Os preparativos para o enlace, banquete e cerimonia com todos os seus detalhes, já foram dispostos por outros cerebros mais capazes que o meu. Tudo, pois, o que me resta fazer é pagar as contas que me forem apresentadas, e reparar si a roupa que vou ostentar no grande dia está correctamente feita, e si meu chapéo de copa alta tem muito brilho.

Em compensação, preoccupam-me outros detalhes que considero de maior importancia. Por exemplo. Não estou certo si tu pensas em abandonar tua profissão actual e não ignoro que este ponto, não esclarecido previa e devidamente, foi a causa do fracasso de muitos casamentos. Reflecte bem e dize-me, com toda franqueza, si achas que poderás abandonar tua officina e o ambiente que te rodeia alli. Eu não tenho velhos escrupulos. Si desejas fazêl-o assim, estás em plena liberdade de satisfazer a teus desejos.

E' muito possivel que, trabalhando como agora, obtenhas o necessario para gozares de certa independencia economica, já que não discuto, de maneira alguma, que eu sou o responsavel por todos os gastos, sem que pense, para satisfazel-os, no que tu possas ganhar. Em consequencia, esse dinheiro será teu, exclusivamente teu. Espero que verás a logica de meu modo de pensar, e que tal resolução por parte de ti não te exime de ter para mim os devidos cuidados, assim como para nosso lar. Tem bem presente isso antes de tomares tua resolução! E's a responsavel pelo lar e deves organizar tua vida de maneira a chegar para tudo.

O "chauffeur" do omnibus. — Isso é para não pensares que toda a estrada é tua!

De Bess Howard

Outro ponto que precisa ser esclarecido é o referente ás férias.

Na posição em que encontramos podemos muito bem descançar annualmente durante uma semana ou duas mas pelo menos a metade desse tempo devemos passar afastados um do outro. Em plena liberdade. Eu poderei jogar o golf, pescar ou fazer o que habitualmente faço agora, e tenho a certeza de que dessa maneira, quando nos reunirmos de novo, estaremos ambos mais satisfeitos, pois tivemos uns dias inteiramente para nós... como quando éramos solteiros!

Poderemos conservar nossos amigos de agora, pois não vejo motivo para sacrificio de qualquer especie. A unica base possivel de um casamento moderno é a completa liberdade, garantida com a confiança mutua.

Eu, por exemplo, tenho grande affeição ás partidas de *football*, e sei bem que isso não é um sport que costume agradar as mulheres. Em compensação, me aborreço soberanamente quando me vejo na necessidade de passar horas e horas sentado deante de uma mesa jogando cartas.

Sei que o bridge é uma de tuas fraquezas, e te sentes feliz quando se te apresenta a opportunidade de jogares uma bôa partida.

Por que havemos de sacrificar um ao outro? Desfructemos em separado nossos prazeres e assim estaremos em condições de ser felizes.

Espero que me desculparás por ter-te escripto esta carta. Mas julguei isso necessario para clarear a atmosphera e impedir que essas pequenas nuvens, sem importancia agora, possam reunir-se e desencadear sobre nossa cabeça uma tempestade de fataes resultados.

Esclarecidos esses pontos, nada haverá que possa empanar nossa felicidade; e si, no momento, não estamos de accordo nalguma coisa, podemos discutil-o e com a mutua condescendencia chegar a estabelecer o justo meio, base de nossa felicidade futura.

Até amanhã, minha princeza! — Teu adorado — Miguel."

O medico (apparecendo). — De quem é a vez? Venha o que estiver esperando ha mais tempo.
O alfaiate (que vem apresentar a conta). — Sou eu, doutor. Estou esperando ha tres annos.

Reflexões macábras

De ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

A descoberta de uma mulher cortada em pedaços constitúe uma especie de phenomeno, cosmico e judiciario. E' uma actualidade que passa, de repente, como passa um cometa ou como se produz um eclypse!

A mulher cortada em pedaços é um phenomeno que se manifesta a intervallos irregulares. Chega, geralmente, de quatro em quatro annos como os annos que prolongam de vinte e quatro horas a vida do mez de fevereiro. Mas, em certas épocas, que, por uma estranha coincidencia, se acham sempre atormentados, mulher cortada em pedaços apparece quasi todos os mezes, e até mesmo todas as semanas, como os jornaes hebdomadarios.

A mulher cortada em pedaços é invariavelmente um mysterio que permanece mysterioso emquanto dura o inquerito, depois da "macabra descoberta"; mas uma vez o inquerito acabado, o esquecimento vem substituir o mysterio, com grande opportunidade.

Reparam que é rarissimo se achar um homem cortado em pedaços. E' sempre o bello sexo o submettido a violencias dessa ordem e, geralmente, ellas não nos revelam nunca o seu segredo. Não quero dizer com isto que ellas sejam obstinadas. Não!

Quero dizer que os sinistros profissionaes, que levam o cynismo e a perversidade até cortar as suas victimas em fatias de uma desigual espessura, possuem uma arte de dissimulação que vae além das faculdades humanas. Chegam a igualar a perfeição de certos insectos que dissimulam a morte, para fugir ao perigo das investigações mortaes. Estes homens tremendos cortam e sabem-se arranjar para não ser cortados!...

Quem sabe qual será o rictus nervoso que os poderia trahir quando jogam "manilha", ou qualquer outro jogo carteado, e precisam dizer:

"Eu corto... eu corto"! O policia psychologico que os observasse não se enganaria e poderia, sem susto de errar, agarrál-os pelo braço e gritar: "Está preso!" Infelizmente, a policia não tem tempo de andar a observar com attenção os reflexos de todos os jogadores de cartas e o (açougueiro) de carne humana escapole dezenove vezes em vinte.

A mulher cortada em pedaços guarda eternamente o seu incognito! Todavia, emquanto os inquisidores procedem ao inquerito e os contemporaneos falam, ella vê-se-lhe attribuirem identidades tão numerosas quanto falsas. Uma identidade, ao menos, por cada pedaço.

Todos os dias, ou simultaneamente, reconhecem nella, ou antes nos seus pobres restos, uma mulher perdida dos *boulevards* exteriores; uma senhora rica que morava no *Vesinet*, ás portas de Paris; uma marselheza esperta, que cahiu nas garras do monstro; uma senhora da alta sociedade, ou uma neurasthenica; uma senhorinha de Buenos-Aires, ou uma criada do bairro da Courbevvoie.

Todas as mulheres que, por amor ou por força, somem de repente, tomam durante algumas semanas a triste personalidade da mulher "cortada em pedaços".

Felizmente, porém, a maior parte das mulheres que desapparecem ainda estão inteiras e, um bello dia, voltam risonhas e despreoccupadas, contando-nos com simplicidade que foram passear de bonde até o fim da linha... A's vezes a mulher cortada em pedaços nem se dá ao trabalho de desapparecer! Nem vale a pena! E' tão embrulhado o mysterio, que nem se sabe ao certo si ella ainda está em casa ou não; porque, apesar de ter passado por tão funesta operação, ninguém repara a sua ausencia. E' porque essas historias tristes acabam sempre envoltas em brumas negras como os romances do Pirandello.

Escriptores e livros

Charlotte M. Braune — A ALIANÇA PARTIDA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

TRADUZIDO de original inglez, este romance interessa pelo encanto do enredo. O volume pertence á *Nova bibliotheca das moças*.

Luis Carlos — AMPLIDÃO — Renascença Editora — Rio — 5$

Desço a vertente da vida
Como um roble derribado,
Que lá fosse de vencida,
Na correnteza levado...

E depois:

Roble fendido — na enchente
Já me afundo lentamente...

Foi assim que o grande poeta de *Columnas* sentiu a approximação da morte. Roble fendido, que se afundou lentamente, cantando, sem esperanças talvez de que a sua voz ficasse vibrando para a eternidade... Entretanto, elle aqui está em nossa companhia, ainda, e a sua voz, cuja vibração nervosa encantava, é cada vez mais forte, enche a amplidão do nosso céu, ecoando mais além da vida e da morte. Neste livro posthumo, livro de ternura, de um *intimismo* que tóca ao coração, Luis Carlos exhibe uma outra face do seu peregrino talento. Eil-o, falando a uma arvore:

Escuta, arvore amiga, a minha vida
E', de certo, mais triste do que a tua.
Sofres, apenas, quando tumultua
O Vento em galopada desabrida.

No mais, o teu destino é uma subida:
E' crescer, sob o Sol e sob a Lua,
Deitando sombra, quando o Sol estúa,
Quedando, á luz do luar, adormecida.

Que diferença no meu ser tristonho!
Vives quieta, vivo eu porque me agito.
E si adormeço, vibro mais no sonho.

Pois, não tens, como eu tenho, a arrebatar-te,
Dia e noite, a sem-fins, por toda a parte,
O pensamento — boemio do Infinito.

A philosophia do verso citado caracteriza o valor do artista, que fechou para sempre os olhos que viviam deslumbrados pela maravilhosa belleza da terra carioca. Em o soneto *Finados* temos uma profunda fonte de meditação...

Dois de Novembro. Finados.
Quanta flôr! Quantas creaturas,
Guarnecendo as sepulturas
Dos ricos e potentados!

E' junto delles, fadados
Sempre ás mesmas desventuras,
Dormindo em campas obscuras,
Os pobres — abandonados!

Mas, como que em julgamento,
De subito, irrompe o vento.
E, ás suas arremetidas,

Os mausoléus, tão cobertos
De flores, ficam desertos
E as covas rasas — floridas.

E' o grande espectaculo da Natureza, corrigindo a vaidade humana! Mais adeante, o poeta dá expansão á sua dôr, num doloroso grito:

Mês de Agosto. Que tristeza!
O Sol, de uma luz tão presa,
Nasce já como sol-posto.

Bruma... vento... ansia de um grito...
Sufocação do Infinito.
Minha vida é um mês de Agosto.

Amplidão reflecte a derradeira phase da vida de Luis Carlos, o adeus para nunca mais... E na hora da partida o poeta legou aos que o cercavam, no lar feliz, este punhado de versos que dão a impressão de flôres despetaladas ao sabor dos ventos!

H. Sienkiewicz — OS CAVALEIROS DA CRUZ — Edições Unitas — São Paulo — 5$

QUEM não conhece o famoso escriptor do *Quo vadis?* E' um dos grandes mestres do romance historico. *Os cavaleiros da cruz* reproduzem um episodio da fôrmação do antigo reino da Polonia. Lutas formidaveis precederam á constituição da nacionalidade. Os cavalleiros da cruz, occultando atraz da sua qualidade de frades os seus instinctos de bandidos, procuraram, pela intriga e pelo crime, contrariar as aspirações mais justas do povo polaco. Sienkiewicz, adaptando-se á época em que agita as suas personagens, traduz, em paginas de grande belleza, a intensidade dramatica dos tempos da Cavallaria.

Henri Ardel — ABANDONADA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

HENRI ARDEL dispensa apresentação. E' o escriptor predilecto da mocidade. Este volume pertence á *Nova bibliotheca das moças*.

MADEMOISELLE LULS...

(*Continuação do numero anterior*)

— Sim... Mas, nesse tempo, eu era uma gurya sentimental... Vivia de lar Dely... Qualquer olhar envolto na impertinencia de uma phrase não me sahia mais da memoria, e, como um castigo á pinha ingenuidade, ficava revivendo a reminiscencia dessas leituras piégas, á Lamartine, em que sempre me via, logo, uma nova Graziéla. E, nunca mais, dos meus sonhos de moça, eu apagava a imagem do homem que se atrevera, tão galante, achar-me bonita, ou que me declarara o seu amor. Nessa época da minha vida, eu ainda não havia lido Flaubert, Maupassant, Zola, Eça de Queirós, Aluizio de Azevedo, nem Abel Botelho... Eu era uma criança ingenua, quasi innocente, com 18 annos. A esta grande culpa, oriunda da pureza literaria da minha educação humanista e religiosa, onde tudo cheira a malicia, deveu, a minha falta de conhecimento naturalista toda a tragedia sentimental do abysmo em que me precipitei.

— E' lamentavel!

— Sim, diz bem... Eu tambem me lamento... Ainda hoje, quando recordo o passado, como que vejo, em todos os homens, a mesma cara, os mesmos olhos insolentes, insinuando-se no sorriso franco das ingenuas e romanticas.

— Mas, amou como todas as outras.

— Sim, amei um homem... E, confesso, amei-o perdidamente. O seu porte atrevido, a sua galanteria, a impertinencia do seu bigode pequeno, aparado, venceram-me as ultimas resistencias... E o interessante é que todo o nosso poema amoroso começou sem que nos conhecessemos. Ao primeiro encontro, como hoje, tambem foi assim num banco de bonde. Desde logo eu me esforcei por descobrir onde, e como o conhecêra. Não me podia enganar... Era elle sim, o mesmo que eu buscava. Nesse dia eu ia lendo, em *Fon-Fon*, — *Mulheres de Hoje*, de Adauto Fernandes, e elle, — a *Morte de Jon Juan*, — do divino Guerra Junqueira. Olhei-o, demoradamente, bem no bigodinho e lembrei-me então, de têl-o encontrado, certa vez, á sahida do Trianon, numa temporada do Procopio.

— Bôa memoria.

— Ah! eu não me engano nunca. Em verdade, fôra aquelle o mesmo moço delicado, maneiroso, attrahente, que me seguira, uma noite de verão, impertinentemente audacioso, até me prometter a terra, o mar, o céu e as estrellas, e que eu nunca mais pude esquecêr! Ouvi tudo aquillo encantada, muda sem um protesto, mas, tambem, sem nenhum promettimento. E só me deixou seguir quando, descendo do bonde, tomei o omnibus. Olhei-o bem. Era o mesmo!... Mas, quem seria? Algum conquistador de "midinettes", que a todos os momentos se encontra nas ruas nos cinemas, nas lojas, nas avenidas, sempre sonhador e romantico, caçando, impiedoso, a honra das incautas?... Não me seria possivel, de momento, sabêl-o ao certo. O essencial, porém, para mim, naquelle instante, era a sua mesma arrogancia de modos, de maneiras finissimas, incontestavelmente insinuante... E, de novo, intrigou-me a impertinencia loura do seu bigodinho aparado... Depois, naturalmente, eu notei que, na luz do seu olhar castanho, chispavam relampagos de desejos lascivos, que eu, timidamente, comprehendi mais por instincto de defesa do que pela minha perspicacia de mulher. Em certo momento eu percebi, tambem, que elle me reconhecêra; e vi, num relance de olhos, que elle me atirou, fulminante, até onde chegára a sua intenção... E o seu olhar atrevido, leviano, continuou, no meu corpo, o exame detalhado de sua esthesia sentimental, penetrante, cynico...

— E... depois?

— Depois!... Depois era uma vencida... Havia-me impressionado, não só pelas promessas de amor de que tanto me falava, mas, sobretudo, pelo physico encantador do aventureiro. E eu me esqueci de todas as conveniencias... Desculpei-lhe mesmo a ousadia do olhar, justificando-a com um certo prazer... Não sei como fiquei... Recordo-me apenas que, pela segunda vez, ouvi a doçura velludósa da mesma declaração que elle me fizéra, havia para mais de um anno:

"— Sou o seu mesmo apaixonado... Nunca pude esquecêl-a. Toda a minha riqueza é inteiramente sua... Ainda não quer acceitar o meu amor?" — falou-me, afinal, delicadamente.

"Voltou o meu sonho. A classica e ridicula promessa de casamento começou a trabalhar o meu pensamento, quasi prompto a acceitar a offerta do paraiso que me fazia, tão galante, o homem a quem mais

De Adaucto Fernandes

tarde eu devia pertencer. Mas, num instante, como numa impulsão mágica libertei-me da fraqueza que me dominara o instincto, e, num impeto de energia e de honestidade, desci do bonde, na primeira parada, sem lhe dar resposta. No outro dia, porém, ás mesmas horas, lá estava elle, em frente á mesma vitrina, esperando, paciente, a minha passagem...

— Desse módo...

— Começou a historia do meu infeliz amor... Primeiro, deixámos que se passassem muitos mezes... Que as minhas amiguinhas não suspeitassem que uma vida inteiramente nova modificava, profundo, o curso normal da minha vida... E, no emtanto, eu já era outra... Passei a frequentar a sua "garçonière", em Copacabana, e desde esse tempo comecei a usar os perfumes mais caros, mais excitantes, os vestidos mais custosos e as joias mais deslumbrantes. Depois, como por encanto, desappareci. Havia abandonado o resto de meus ultimos escrúpulos, sem medir o meu sacrificio. Fui viver com elle, num lindo "bungalow", para os lados de Ipanema. Desde então, deixei de apparecer nos cinemas, nos theatros nas corridas do Jockey, onde eu tomava uma assignatura. Já não era mais a *Mademoiselle* Luís, mas, para todos os effeitos da minha maravilhosa vida mundana feita de luxo e capricho, admirada e querida *Madame* Luís, conhecidissima entre os "turfmen" e os apontadores de roleta do Casino, como a mais terrivel das amadoras cariocas. Não me faltava nada. *Madame* Slul nem siquer se lembrava mais do tempo quando era melindrosa. Tinha cavallos de corrida, *limousines* de inverno, joias carissimas, vestidos deslumbrantes e habitava, com elle, orgulhosamente, o "bungalow" mais "chic" do melhor bairro da metropole... Com todo esse conforto, porém, sentia-me "languescer" diariamente. Uma depressão intensa de tristeza ia nostalgiando a vivacidade contemplativa de meus olhos scismarentos... E eu sem saber por que, comecei a ter a idéa de que não era eu!... Muitas vezes me deixei ficar horas inteiras, deante dos espelhos de minha alcova, arfando, ancia... E, cheia de agonia, principiei a notar que em meu rosto, outr'ora tão sereno, se retratava, de modo nitido, a inquietude psychologica que me trahia a desconfiança de um mundo sombrio de presentimentos intimos... A minha nova vida deixava toda alma que se me confrangia, fluctuando, indecisa, farta, mas, sem posição definida deslocada, e o que é peor, em grão inferior na escala dos preconceitos sociaes... "Ah! sociedade! para que foi que nasci?" — perguntei, a mim mesma, muitas vezes... E, como uma necessidade terrivel aposta á minha liberdade, voltei a pensar, novamente, no casamento, dentro dessa mesma sociedade que não sabe perdoar nem comprehender as mulheres que têm coração mas que lhes nega o direito ao divorcio para lançal-as no caminho da perdição. Já algumas vezes eu havia ventilado o assumpto, delicada, carinhosa, insinuando-me, toda, nalma do meu amante:

— Ha necessidade social de resolvermos, o mais depressa possivel, a minha situação equivoca... Si você me amasse verdadeiramente, ha muito que estariamos casados... E, assim, venceu para ser desgraçada!... Casámos, civil e religiosamente... Como me julguei feliz... e como foi passageira a felicidade!... Para augmentar o meu contentamento, fiz notar, comprehensiva, entre nervosa e alvoroçada, a minha grande nova. Eu já sentia symptomas francos de proxima maternidade. Que bello!... Eu ia ser mãe! E o frueto do meu amor vinha sem a mácula do peccado! Dahi por deante, meu marido começou a tomar uma attitude estranha. Já não era o mesmo... Fiquei brigalhona, ciumenta... e elle foi se ausentando de casa. E, noites inteiras, deixou-me ficar sozinha, velando a minha angústia... E nunca mais nos comprehendemos... Foi amassando o pão amargo dessa dôr que elle me abandonou definitivamente. E' d'ahi que data a minha vida de torturas... Foi assim que eu alcancei a felicidade suprema de ser mãe. Amo e soffro!... Amo por que sou humana e soffro porque não tenho o direito de desrespeitar o nome de meu filho!"

O bonde parou. *Mademoiselle* Luís despediu-se de mim, os olhos cheios dagua e desceu... e... segui com o bonde... Como deveria ser feliz essa mulher, si vivessemos num paiz em que houvesse o divorcio? — pensei, certo de que, entre nós, ha muitas *mademoiselle* Luís.

OS CRIMES DE SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

CAPITULO VII

O DERRETIMENTO DA NEVE E UMA DESCOBERTA

O enterramento de sir Frederico realizou-se no dia seguinte com pompa e sem a presença de Sherlock Holmes. Emquanto duraram os officios funebres na capella não eram precisos ahi os seus serviços e para o policia todos os minutos eram preciosos.

Lady Elise observava todos os movimentos da interessante irmã da caridade e juntamente com Gerald contar-lhe-iam alguma coisa de anormal que se passasse; por esse lado estava o policia socegado.

Entretanto podia dirigir-se ao local do "desastre" e continuar as suas pesquizas acompanhado de Berber e de Point, o cão.

Queria apenas derreter a neve numa circumferencia de cerca de cem metros.

O trabalho decorreu rapido, pois que passada uma hora já a neve estava derretida na extensão desejada.

Sherlock Holmes inspeccionou minuciosamente o terreno livre de neve, com os seus olhos de lynce.

— Bem, declarou elle finalmente aos trabalhadores, podeis retirar-vos, já não preciso dos cestos.

— Encontrou alguma coisa, sir? perguntou Berber.

— Não foi muito; mas sempre foi alguma coisa. Deixe primeiro retirarem-se os homens, que já estão sedentos de curiosidade.

Os homens desappareceram por detraz das arvores, e então, curvando-se para o solo, o policia começou a examinar a parte do bosque onde tinha encontrado o pedaço de lapis.

Point focinhava como que procurando alguma coisa. E finalmente encontrou um rastro que na ante-vespera ainda estava coberto de neve; um rastro que a intelligencia do homem não poderia descobrir.

Correu para a espessura da floresta e parando, começou a ladrar furiosamente.

— Eu bem o calculava! disse Sherlock Holmes curvando-se. Mas não viu senão o terreno remexido. Podia porém reconhecer-se que ali se travara uma luta que devia ter sido curta; em todo o caso, viam-se os vestigios de tacões ordinarios guarnecidos de taxas, no solo humido, vestigios que se perdiam para a direita...

— Ora, ouça lá, disse o policia a Berber, eu sei que o senhor sabe guardar um segredo e o que vou dizer-lhe deve ficar só entre nós. Desconfio que sir

UMA RELIGIOSA

(POR CONAN DOYLE)

rederico teve aqui um desagradavel encontro com
m homem que eu julgo conhecer. Esse homem tinha
dos os motivos para o odiar e atacou-o; provavel-
ente não chegaram a nenhuma contenda séria, pois
ue sir Frederico ainda sahiu do bosque e chegou á
areira. E foi ahi que o attingiu a bala do assassino.

* * *

Sherlock Holmes não se tinha esquecido que o
pel que elle vira cahir em casa de Tribold tinha
calligraphia da linda irmã da caridade.

Ambos estavam pois em correspondencia, e se elle
izesse afastar Tribold de sua casa, tinha que se
rvir para isso da irmã da caridade.

Quando o policia chegou ao castello ouviam-se já
a capella os côros finaes do officio de defunctos.
entro em pouco deviam os convidados estar de volta
não havia tempo a perder.

O policia sabia tão bem como um experimentado
calo subir depressa e sem ruido as escadas e por
so se servia agora dessa habilidade com inimitavel
rfeição.

Dirigiu-se primeiramente ao andar superior e pe-
etrou no quarto da linda Ethel. Que nada alli en-
ntraria de suspeito já elle o sabia, pois que esta
ma era bastante astuta para commetter qualquer
scuido denunciante.

Elle tirou a sua ferramento universal e arrancou
ma grande lasca da porta, da parte de fóra. Fel-o
ageitadamente e de proposito, claro está, e chamou
nfidencialmente o velho creado José.

— José, é preciso que a irmã imagine que durante
cerimonias funebres algum gatuno se introduziu
ui e tentou despedaçar a porta a machadada. Di-
-lhe que viu um homem a fugir pela escada abaixo,
s que não o poude agarrar nem reconhecer. De-
is pergunte-lhe se deve mandar immediatamente
certar e se quer que se chame o carpinteiro. Ella,
certo, concordará. Então mande depressa um
eado á aldeia, para que Tribold venha cá ao cas-
lo com as ferramentas de mando da chamar a
ã Ethel. Isso servirá de pretexto para você ap-
recer de novo. No caso delle acabar depressa o
abalho, então Berber se encarregará de o demorar;
e sabe como.

— Muito bem, sr. Holmes.

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco.

Meia hora depois desta ordem apparecia Tribold no castello e na mesma occasião Sherlock, com o traje rustico que envergara dois dias antes, entrava em casa do carpinteiro.

A porta estava naturalmente fechada; mas isso não serviu de obstaculo ao experimentado policia que abriu socegadamente a porta com a gazúa e penetrou na officina.

Sem demora dirigiu-se elle primeiramente ao grande e velho armario, que, como o proprio Tribold dissera, guardava os seus segredos e outros papeis.

As fechaduras velhas mas solidas, não cederam tão depressa cimo a da porta e foi preciso um bocado de paciencia e esforço para finalmente as abrir.

Logo á frente viu o policia uma photographia que elle tirou e observou com um sorriso feroz.

Era Kitty "Smith" em corpo e alma.

— A endiabrada mulhersinha tem propriamente dois homens a pezarem-lhe na consciencia, murmurou o policia. Fred não teria morrido tão miseravelmente se não fosse ella e Tribold não seria um assassino... que a meu ver o é com certeza.

— Falta-me a carta da linda irmã... oh, cá está...

Os seus dedos acabavam de encontrar o papel, que fôra escripto por Ethel.

"Póde vir amanhã para receber a sua paga, leu o policia, eu estarei no parque do castello, junto do pinheiro grande. Então me dirá qual é o seu plano para a continuação."

Uma exclamação de espanto escapou-se dos labios de Sherlock Holmes.

— E' então o homem um traiçoeiro assassino, vulgar e assalariado para isso! exclamou o policia. Isso é que eu não suppunha: nem poderia suppor uma coisa assim.

Remexeu e revolveu tudo, tendo o cuidado de pôr todas as coisas como estavam.

Por ultimo encontrou uma carteira estreita mas muito cheia, na qual parecia haver differentes papeis muito interessantes. Mas ao mesmo tempo ouviu elle passos na rua... não havia duvida... era o proprio Tribold que estava de volta.

Já não havia tempo de fechar cuidadosamente o armario. Não restava pois sinão fugir, para não se dar uma luta que a ninguem aproveitaria nesta occasião. Não havia tempo pr reflectir.

Primeiramente verificou que a porta ficara bem fechada da parte de dentro com a sua gazúa, em seguida abriu de mansinho a janella e saltou para o pateo, que apenas era habitado por algumas gallinhas.

Mal elle tinha dado alguns passos largos e alcançara a cerca do pateo, quando a porta da officina se abriu e Tribold entrava precipitadamente.

O primeiro golpe de vista indicou-lhe que alguem estivera ali... o segundo, que o seu armario fôra aberto.

Uma praga saltou-lhe dos labios. Precipitou-se para o movel e abriu-lhe as portas e gavetas.

— O cão de Sherlock Holmes esteve aqui. Teve razão Ethel de me avisar e mandar para casa!... Bem me dizia ella que eu fôra attrahido de proposito ao castello, porque certamente Sherlock Holmes me queria passar revista á casa. E quando eu lhe perguntei como sabia ella isso, riu-se e disse-me que ella agora até ouvia crescer a herva. — Maldita bruxa! Se for apanhado, tenho que lh'o agradecer a ella. Mas não me deixarei apanhar assim. Este infame espião... ah!... elle deve ter fugido pela janella.

Tribold viu que um dos batentes da janella estava aberto, quando elle a fechara por completo antes de sahir.

Sem pensar, sahiu.

Olhando na direcção da cerca já não viu o fugitivo.

Como cégo, avançou.

— Elle deve estar ainda a caminho do castello, murmurou Tribold tomando a estrada que conduz ao castello.

— Viste passar por aqui um homem? — perguntou elle a um rapaz que num prado construia um boneco de neve.

— Vi, sim senhor. Olhe, foi a correr ali para a taverna.

Tribold correu para diante por uma ponte de ferro que atravessava uma valla secca e que ia ter a uma estrada campestre ladeada por vallados. Apenas elle tinha desapparecido sahiu de debaixo da ponte Sherlock Holmes.

— Aqui tens mais alguma coisa. Sabes mentir com perfeição meu filho. Mas o que é que não se faz para escapar aos credores?

E ao dizer isto atirava ao rapaz uma moeda de prata e sorria.

Voltou pelo mesmo caminho que trouxéra ali e entrando novamente na officina, pela janella collocou sobre o banco de carpinteiro um papel onde se lia:

"O assassino do amante de Kitty não póde fugir á sorte que o espera".

— Bem! disse elle satisfeito. Isto aterrorizará o homem. Hoje á noite, cerca-se-lhe a casa, de maneira que elle não possa fugir e depois será preso.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 116$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactores-chefes: Gustavo Barroso e Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Lewindrey, Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII. Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

RHEUMATISMO

O exito de nossa cruzada contra RHEUMATISMO depende quasi exclusiv mente da recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Rigidez das juntas, musculos doloridos, nervos endurecidos. Não é estranho que V. S. se sinta envelhecido. O Rheumatismo é uma enfermidade traidora que avança lenta porém seguramente. Afugente este ladrão da juventude e da saúde. Evite os seus estragos desde o começo.

O Rheumatismo é um symptoma e não uma causa; uma desagradavel manifestação de dôr que póde surgir do excesso de acido urico accumulado no organismo. V. S. sabe o que acontece então: o acido urico se converte em crystaes com bordas afiadas e desiguaes que desgarram as extremidades sensitivas dos nervos, causando padecimentos indescriptiveis. Não é preciso resignar-se a padecer essas dôres: o excesso de acido urico póde ser eliminado comtanto que os rins funccionem normalmente.

As Pilulas De Witt trabalham directa e immediatamente sobre os rins e a bexiga. Por sua acção benefica sobre estes orgãos de eliminação os médicos receitam as Pilulus De Witt para combater numerosas affecções que pódem ser causadas pelo excesso de acido urico, taes como o Rheumatismo, Sciatica, Lumbago, Dôres nas Costas, etc.

Se V. S. soffre de qualquer desses males, e principalmente se outros medicamentos não têm surtido effeito, lhe offerecemos um FORNECIMENTO GRÁTIS PARA EXPERIENCIA de Pilulas De Witt. Umas poucas doses lhe demonstrarão o que valem. Póde fazer-se uma offerta mais equitativa? Preencha e envie o coupon abaixo HOJE. Se alegrará de havel-o feito, depois que tiver tomado a primeira dose.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

• Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLÉSTIAS DOS RINS

e todas as Moléstias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 156),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

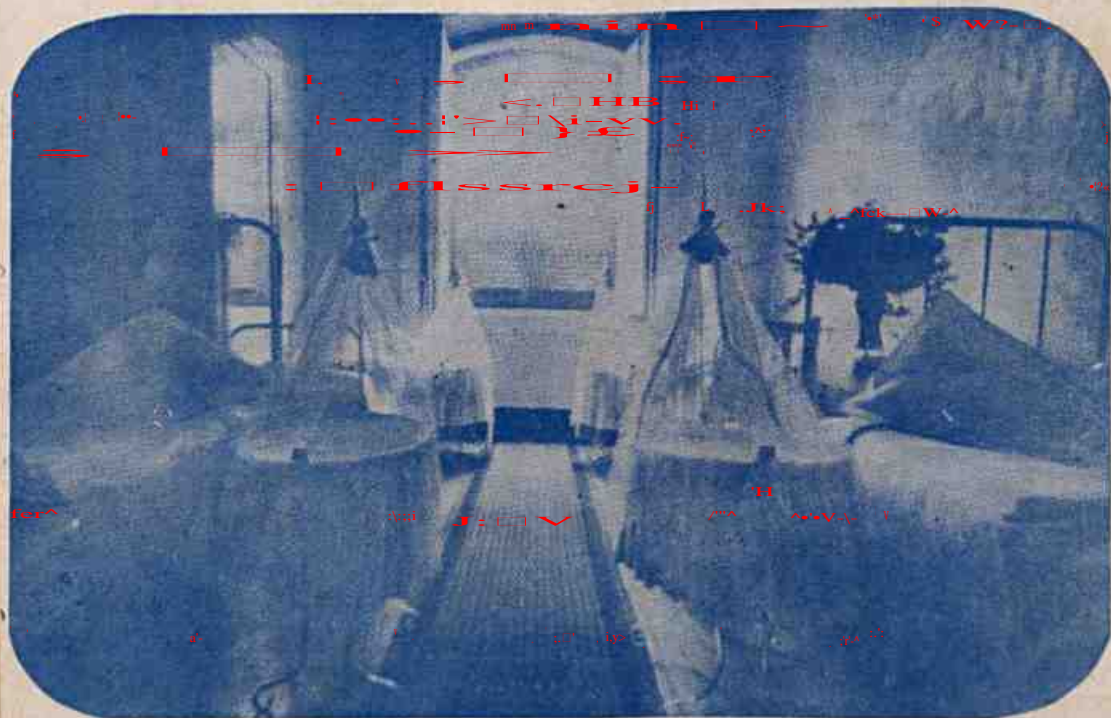
Nome..

Endereço..

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto.......sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

Maternidade com 4 leitos - Partos e estadia durante 10 dias : 300$000

RUA ARISTIDES LOBO, 115 - Telephone 2-1266